

O Amargo Preço do Amor

Amanda Browning



Segundo Hunter Jamieson, tudo nesta vida tem seu preço. O duro comentário resumia perfeitamente o dilema em que se encontrava Reba, que tinha que pagar o amargo preço de negar seu amor para salvar a vida de sua mãe. Pareceu-lhe que o modo mais fácil de conseguir isso, seria conseguindo que Hunter a odiasse, que acreditasse que se casaria apenas com um homem rico.

Entretanto, com esta estratégia, Reba conseguiu apenas empurrar Hunter a procurar sua vingança: oferecer-lhe o dinheiro que ela necessitava em troca de transformá-la em sua amante...

Capítulo 1

Era tarde. A festa tinha começado a decair. Reba Wyeth, que de repente se encontrou sozinha, deixou sua taça e se dirigiu para a porta que dava ao jardim do terraço do apartamento de cobertura. Fora, o ar era fresco e livre de fumaça. Abaixo, a cidade brilhava. Nova Iorque. Um sorriso curvou seus lábios. A cidade estava a seus pés em mais de um sentido; nesse caso, por que não se sentia feliz? Estremeceu e esfregou os braços. Muitas preocupações, muita angústia. O tempo estava se esgotando. — Há, estava aqui!

Reba se voltou, sorrindo ao homem que acabava de reunir-se com ela.

Eliot Thorson III era considerado um grande partido. Vinte e oito anos de idade, alto, bronzeado, cabelos dourados e olhos azuis. Não só tinha herdado uma conhecida cadeia hoteleira, mas também um apartamento em Manhattan, outro em Los Angeles, outro em Paris e outro em Roma. Também possuía uma criação de cavalos para jogar pólo e um enorme iate. Apesar do que, fazia tempo que Reba o considerava um bom homem cujo único defeito era sua excessiva generosidade. Lutava uma

batalha contínua com ele para o convencer de que deixasse de lhe dar contínuos presentes.

Além disso, para desgraça de Reba, Eliot acreditava estar apaixonado por ela. Reba não correspondia. É obvio, podia deixar de vê-lo, mas seria uma atitude excessivamente drástica tendo em conta que o considerava um bom amigo e gostava de sua companhia. Esperava que chegasse a compreender que só estava iludido com ela e que, com o tempo, passaria.

— Havia tanta fumaça aí dentro que precisava tomar um pouco de ar — explicou Reba, e voltou a tremer.

Apesar de ser verão, durante a noite refrescava.

— Não só vai tomar ar, mas também pegar um resfriado — pronunciou Eliot ao mesmo tempo que tirava a jaqueta e colocava sobre seus ombros—. Assim estará melhor.

Reba assentiu e ele pôs o braço nos seus ombros.

Ela não protestou. Nunca havia se sentido ameaçada por Eliot.

— Sempre tão cavalheiro — brincou Reba.

— Me alegro que tenha notado. Quando vai se casar comigo, Reba?

— Me casar com você?

Aquilo era algo totalmente novo e inesperado. Não obstante, deveria ter se dado conta de que aquele momento chegaria.

— Por que se surpreende tanto? Já sabe que a amo, não?

Ela não suportava fazer mal às pessoas e tentou formular a resposta com a maior suavidade possível.

— Sim, mas... Tem certeza, Eliot? Já sabe que os homens se empolgam com as modelos.

Eliot sacudiu a cabeça.

— Não se trata de um capricho. Amo você, Reba. Quero cuidar de você te fazer feliz. Por favor, me diga que se casará comigo.

Reba se separou dele e o olhou com expressão séria.

— OH, Eliot... Tenho muito carinho por você, mas não estou apaixonada.

A declaração não trincou a confiança dele.

— Estará se deixar levar por seus sentimentos.

Reba não pôde evitar sorrir, embora nervosa.

— É impossível! Sabia?

— Sei que estou apaixonado por você e que juntos seríamos felizes — insistiu ele olhando-a com olhos de adoração—. Mas está cansada, não é mesmo? E não está de humor para falar a sério, já

me dei conta. Vamos, pegue a bolsa e a levarei para casa.

Reba não protestou, a verdade era que se encontrava muito cansada e a inesperada proposta não tinha ajudado. Alegrou-se que Eliot tivesse deixado o assunto, embora soubesse que só era no momento. Despediram-se rapidamente e em questão de uns minutos estavam a caminho. O apartamento dela tinha janelas para o Central Park. Eliot a acompanhou até a porta abriu-a e devolveu a chave. Essa noite, não lhe deu um beijo de despedida e sua expressão era sóbria.

—Escuta, Reba, o que eu disse não é brincadeira. Quero que considere seriamente sobre se casar comigo. Jamais tinha pedido a alguém. Amo você, céu. Seríamos muito felizes juntos. Pense sobre o assunto, certo?

Ela se deu conta de que não era uma brincadeira. Eliot falava a sério e o menos que podia fazer era considerá-lo com a mesma seriedade, seu amigo merecia.

—Certo, Eliot, pensarei.

— Dará a resposta quando voltar da viagem?

Reba ia ao Caribe no dia seguinte para trabalhar durante várias semanas; certamente, teria tempo para pensar no assunto.

— Combinado, responderei quando voltar. Mas... Eliot, o mais seguro é que seja uma resposta negativa.

— Sou otimista de nascimento — ele se inclinou e a beijou —. Boa noite, querida. Até dentro de algumas semanas.

Quando Reba entrou no apartamento, sentia-se intranquã. Nervosa e irritável dirigiu-se ao quarto sem incomodar em acender as luzes pelo caminho. Atirou a bolsa em cima da cômoda, tirou os pentes de prender cabelos que o segurava e sacudiu a cabeça. Depois, encontrou se contemplando no espelho.

Essa noite se mostrou o mesmo de sempre, mas agora com acrescentada sofisticação. Era uma morena alta e com curvas; entretanto, a preparação necessária e a maquiagem tinham mostrado ao mundo uma nova Reba cuja beleza era tão surpreendente como exótica. O que mais chamava a atenção dela eram os olhos, uns olhos grandes e dourados, uns olhos de gata rodeados de espessas e negras pestanas que lhe conferiam um aspecto apaixonado.

Tinha o rosto e a figura de uma modelo de primeira; não obstante, não considerou tomar como profissão até que, ao abandonar a universidade, a

adversidade golpeou a sua família. Sua mãe tinha contraído uma enfermidade degenerativa que só tinha uma possibilidade de cura: uma operação nova nos Estados Unidos. O problema era que se tratava de uma intervenção extremamente cara que a família não podia pagar. Uma família sem um pai, falecido quando Reba era ainda muito jovem.

Um amigo da Reba sugeriu a ela que ganharia uma fortuna como modelo e Reba entrou assim naquele mundo. A princípio, tinha sido uma luta terrível em que tinha economizado até o último centavo. Com seu trabalho, conseguiu chegar ao topo. Mas tinha sido uma luta lenta e agora, dois anos mais tarde, começava a viajar por todo mundo, cobrando enormes somas de dinheiro por uma só sessão.

Reba não tinha muito tempo para reunir o dinheiro necessário para a operação antes que fosse muito tarde. A menos que... De repente, se deu conta de por que se sentia tão nervosa. Tratava-se da proposta de Eliot. Tinha lhe ocorrido que aceitar se casar com ele ajudaria a sua família. Não obstante, essa não era a base de um casamento. Não seria justo para nenhum dos dois.

Eliot havia dito que a amava, mas ela não. Tinha carinho por ele e eram bons amigos. Os beijos

de Eliot eram agradáveis e suas carícias ternas, mas não havia paixão. Reba tinha vinte e três anos e sempre tinha pensado que jamais se casaria a menos que sentisse algo especial por um homem. Estava segura de que seu príncipe encantado estava em alguma parte, esperando-a.

Entretanto, enquanto esperava seu príncipe encantado, sua mãe morria lentamente e o preço da operação subia. E aí estava Eliot, querendo se casar com ela. Sabia que poderiam ter um feliz, embora aborrecido, casamento. Não devia pensar pelo bem de sua mãe?

Uma semana depois, Reba se preparou para o dia de filmagem, consciente de que não se encontrava mais perto da solução.

Saiu da suíte do luxuoso hotel que tinha contratado a agência e se dirigiu ao vestíbulo onde o grupo esperava. Ao contrário do que muita gente poderia esperar de uma modelo, Reba não estava acostumada ir vestida como tal. Aquele dia, pôs uma calça jeans curta e uma camisa grande e floreada. Falaria sobre a roupa e a maquiagem quando chegasse ao lugar da filmagem.

Esse dia iria ser filmada usando roupa de praia e roupa informal, e o diretor tinha decidido que a filmagem tinha que se realizar em um iate. Reba

adorava a água e os navios, embora ultimamente não tivesse disposto de muito tempo livre para navegar.

— Perdoem o atraso — se desculpou ao se dar conta de que era a última a se apresentar.

Outra das modelos, uma loira nórdica chamada Magda, olhou-a com uma careta.

— Se fizer fama de chegar sempre tarde, ninguém vai te dar trabalho.

— Isso é o que você gostaria — disse Linda, a maquiadora.

Depois do comentário, Magda se afastou e Linda olhou para Reba Sorrindo.

— Não faça conta, tem inveja. Você tem muito mais liberdade que ela, de chegar em cima do horário. Além disso, você viaja e ela não. Não se desgoste, não vai deixar de fazer esse tipo de comentários.

Reba sorriu agradecida. Sempre tentava mostrar-se amistosa com suas companheiras, embora Magda fosse difícil.

— Tentarei, mas este tempo não me ajuda a manter a frieza. É cedo e faz um calor espantoso.

— Um dos garçons disse que isso é porque vai haver tormenta. Espero que não aconteça quando estivermos no mar.

Nesse momento, Maurice, o diretor, chamou a atenção de todos com umas palmadas.

— Muito bem, todo mundo andando. Vamos.

Entraram em um micro ônibus que os levou do hotel à cidade principal da ilha onde estava o porto.

Reba pendurou a bolsa no ombro e respirou o cheiro do mar.

Maurice os levou em um dos botes, em direção a um enorme iate branco onde um homem parecia muito ocupado com as cordas. Ele levantou o rosto quando os ouviu aproximar-se e se endireitou; Reba começou a caminhar mais devagar até ficar mais atrasada. Ouviu dizer algo a Maurice, mas sua voz pareceu proceder de uma grande distancia enquanto contemplava o desconhecido.

Era alto, loiro e bronzeado; mas não foi isso o que arrepiou o pêlo em todo o corpo. Era pura força masculina. Seus cabelos loiros não estavam domados e seus olhos azuis eram selvagens. Bonito em extremo. Usava roupa limpa, mas muito usada; a camiseta branca sem mangas pregava ao torso e a calça jeans, rasgada à altura do joelho, mostravam uns poderosos músculos. Reba respondeu à presença daquele homem a um nível primitivo.

Como se tivesse se dado conta de que o olhava, ele voltou a cabeça e seus olhos se encontraram com

os dourados dela.

“Conheço este homem”, pensou ela. “Não é um desconhecido”. Acredito “que o conheço de toda a vida”.

Era algo extremamente estranho e ele pareceu notar isso também, porque ficou muito quieto. Sem mediar palavra, houve uma mensagem e ambos entenderam. O mundo pareceu mudar de repente.

Maurice tinha estado falando com ele, mas interrompeu ao se dar conta de que não tinha prestado atenção. Um momento voltou a cabeça e viu Reba como em um transe. Esta, ao notar que, subitamente, transformou-se no centro da atenção de todos os presentes, ruborizou e seu pulso acelerou. Que demônios tinha acontecido?

— Que maravilha, Reba acaba de se apaixonar por esse sujeito! — exclamou Magda.

Reba sentiu um aperto no estômago. Apaixonar-se? Era isso o amor?

— Será melhor que desperte Reba. Ou Maurice vai ter um ataque — sussurrou Linda ao ouvido.

Foi nesse momento quando Reba se deu conta de que o resto do grupo já tinha subido no iate, salvo Linda e ela, e que todos as observavam com impaciência.

— Sinto muito — se desculpou Reba.

Ofereceram-lhe uma mão para subir e ela a aceitou automaticamente, mas conteve a respiração ao sentir uma espécie de corrente elétrica por todo o corpo no momento em que voltou a cravar os olhos naqueles incrivelmente azuis.

— Bem-vinda a bordo — disse ele com voz rouca.

— Obrigado — murmurou ela antes de afastar-se desse homem, embora fosse incrivelmente difícil.

— Olá, eu sou Linda. E em caso de que interesse, ela é Reba.

A risada do homem era gutural e Reba sentiu um nó no estômago.

— Obrigado, Linda. Eu sou Hunter Jamieson.

Hunter. Gostava desse nome. Sentava-lhe bem. Hunter...

Passou o dia sonhando acordada e, pela primeira vez na vida, não conseguiu concentrar-se no que estava fazendo. Esse homem chamado Hunter não lhe dirigiu a palavra, mas ela foi consciente em todo momento de sua presença.

Apesar de sua falta de concentração, deve ter feito bem seu trabalho porque Maurice não deu um ataque. Ao concluir o dia, foi muito difícil abandonar o iate, sentia-se como se tivesse que separar-se de uma parte de si mesma. Nunca havia

sentido nada parecido. E quando se olhou no espelho, na intimidade de seu quarto no hotel, não se reconheceu. Sua fisionomia era a mesma, mas não era.

Preparou-se para o jantar. Depois de tomar banho, vestiu um vestido comprido de verão e umas cómodas alpargatas. Entretanto, não foi ao restaurante, o estômago não parecia necessitar de comida. Algo a estava chamando, um pouco mais forte que qualquer outra coisa.

O sol estava se ocultando e Reba pegou a bolsa e um xale, e partiu seguindo seu instinto.

O porto estava buliçoso. De repente se deu conta de que Hunter podia não estar no iate. mas, ao se aproximar o suficiente, viu luz no camarote e logo o viu sair a cobertura. Sem dirigir uma palavra, ofereceu sua mão para ajudá-la a subir.

Durante uns momentos limitaram a se olhar; depois, Hunter sorriu e com a mão livre retirou uma mecha de cabelo da testa.

— Sabia que viria — disse com voz fraca, mas com segurança.

— Sim — Reba não pôde negar.

— Tem uns olhos incríveis — disse Hunter olhando-a fixamente.

— E você.

— Não se comporta como uma modelo.

Reba sorriu.

— Trabalho como modelo, ganho a vida com isso, mas isso não é o que sou.

Uma estranha luz iluminou os olhos de Hunter.

— E quem é Reba?

— Uma mulher — respondeu ao tempo que, fascinada, observou o maravilhoso sorriso que os lábios dele esboçaram.

— Estou totalmente de acordo. É uma mulher de verdade. Jantou?

Pergunta que a fez se dar conta de que tinha bastante fome.

-Não.

— Maravilha. Espero que você goste de pescado.

Foi então quando se deu conta de que, a costas de Hunter, havia uma mesa preparada para dois.

— eu adoro.

— Sabia — disse ele sacudindo a cabeça ao tempo que sorria de novo —. Vamos, sente-se e fique a vontade. Em seguida jantamos.

Reba conteve a respiração, ele sentia o mesmo que ela.

— Quer uma mão?

— Não, tenho tudo preparado. Não se

preocupe. — disse ele enquanto se dirigia ao camarote.

Impossível. Não poderia escapar, seu coração estava ali. Parecia algo ridículo, mas não era. Era verdadeiro, sentia-se em seu lar.

Essa sensação aumentou ao longo do maravilhoso jantar que Hunter tinha preparado. Conversaram de muitas coisas. Hunter parecia querer saber tudo sobre ela e Reba se encontrou contando coisas nas que não tinha pensado fazia anos. Depois do jantar, beberam vinho enquanto ele acariciava sua mão por cima da mesa.

Reba suspirou.

— Você se deu conta de que não paramos de falar e eu nem sequer sei ainda se tem mãe?

—Tinha, mas meus pais morreram. Tenho trinta e três anos, não tenho irmãos e ganho a vida com os navios. Agora me fale de você.

—Sou modelo e tenho vinte e três anos. Tenho uma mãe, meu pai faleceu, e também tenho uma irmã e um irmão, os dois são menores que eu.

— Então sua mãe teve que trabalhar para mantê-los?

Reba assentiu.

— Até cair doente. “Agora esta meio inválida”, mas tem muita coragem.

Reba esperou que não fizesse mais perguntas a respeito porque Harriet Wyeth era uma mulher com um grande orgulho. Negava-se que tivessem piedade dela e não queria que seus filhos contassem a ninguém de sua enfermidade a menos que a consultassem primeiro.

Hunter não continuou indagando sobre o assunto.

— Eu gostaria de conhecê-la algum dia — foi tudo o que disse a respeito.

— Ela gostará de você.

— Costuma gostar de seus namorados?

— Se o que quer me perguntar é se tenho namorado, a resposta é não.

— Estupendo — nesse instante, Reba bocejou e Hunter olhou o relógio —. Sabia que já é quase uma? Será melhor que a leve ao hotel.

Hunter soltou sua mão, ficou em pé e se aproximou dela para ajudá-la a levantar. Depois, deu-lhe a bolsa e pôs o xale sobre os ombros.

— Por estranho que pareça não me encontro nada cansada — pronunciou Reba, bocejando imediatamente depois.

Hunter a ajudou a sair do iate.

— Não sei por que tenho o pressentimento de que Maurice não vai gostar de ver você com

olheiras amanhã. Não quero que resolva usar outro navio porque assim não a veria.

Hunter rodeou seus ombros com um braço e começaram a caminhar, e Reba pensou que jamais havia se sentido tão segura.

— Quer voltar a me ver? — perguntou ela meio a sério meio em brincadeira.

— Todo o tempo — admitiu Hunter.

— Pode ser que o que vou dizer pareça uma loucura, mas me sinto como se o conhecesse por toda a vida.

Hunter interrompeu seus passos e elevou o queixo dela para olhá-la nos olhos.

— Não é uma loucura, Reba, comigo acontece o mesmo. Do primeiro momento que a vi, dei-me conta de que era diferente.

Foi então que Hunter baixou a cabeça e cobriu a boca com a sua. Foi um beijo terno, imensamente terno. Foi uma promessa de futuro.

Quando afastou os lábios dos dela, lançou um quebrado suspiro.

— É muito estranho. Esta manhã era um homem normal, equilibrado. Agora já não sei onde tenho a mão direita nem a esquerda.

Sim, Reba o compreendia. Ela tampouco estava preparada para o que tinha ocorrido.

— Está preocupado?

— O que! Estou toda a vida te esperando.

Reba sentiu que o coração queria sair do peito. Não tinha importância que acabassem de se conhecer. No mais profundo de sua alma, sabia que estavam destinados um para o outro.

Hunter a deixou na entrada do hotel depois de levá-la em um velho Jipe. Reba se voltou no momento em que Hunter ia abraçá-la e, nesta ocasião, o beijo foi diferente, procurava uma resposta à paixão contida. Hunter a saboreou explorou-a e tirou a razão. Reba não pôde reprimir um gemido quando ele pôs ponto final ao beijo.

— Minha mãe deveria ter me advertido de que algo assim poderia acontecer. E outra coisa, por que não me perguntou sobre minhas namoradas?

Sem saber por que, isso não preocupava Reba.

— Quantas teve?

A risada dele acelerou seu pulso.

— Muitas... No passado. Agora só existe você e quero que seja só para mim. Você duvida? — Hunter se mostrava possessivo e Reba adorou.

— Não — ela tampouco queria compartilhá-lo com ninguém. Queria tudo para si.

— Amanhã, não vá embora do iate com os outros. Depois da filmagem, iremos navegar. O que

acha?

Reba sorriu. - Sim.

Por fim, depois da filmagem, a equipe e as modelos partiram.

— Já se foram — declarou Hunter atrás dela.

Reba virou sobre os calcanhares, não tinha ouvido ele descer do camarote que tinham usado como vestuário.

Sentiu um nó na garganta quando, ao fim, encontrou-se cara a cara com ele. O brilho nos olhos de Hunter e seu sorriso a encheram de prazer.

— Parecia que não iriam partir nunca! — exclamou Reba, sem dar-se conta de que seu aspecto, com o jeans e a camiseta, era muito vulnerável.

— Vem e me dê um beijo antes que eu fique louco, Reba — ordenou Hunter com voz rouca, e Reba se deu conta de que tinha sofrido todo o dia tanto como ela.

Jogou-se em seus braços. Estava desejando esse beijo o dia inteiro. Jamais tinha imaginado que semelhante prazer fosse possível, nunca havia se sentido tão viva. Hunter a abraçava com tal força que mal podia respirar, mas era maravilhoso.

Com impaciência, Hunter levantou o rosto

antes que ambos sucumbissem sufocados.

— Precisava disto — gemeu ele ao tempo que a fazia apoiar a cabeça em seu ombro.

Reba pôde ouvir os batimentos de seu coração.

— Senti sua falta.

Ele se pôs a rir.

— Isto é uma loucura. Estamos nos comportando como dois adolescentes!

Reba riu com ele.

— Sabe de uma coisa? Não me importa.

— A mim tampouco. Venha, vamos.

Juntos prepararam o navio para navegar. Quando as velas estiveram elevadas, saíram do porto e ela se uniu a Hunter no leme.

— Você fica muito a vontade aqui — disse ele dando um beijo na bochecha.

— eu adoro navegar, mas jamais estive em um navio tão bonito como este. É maravilhoso.

Hunter sorriu maliciosamente e depois deu um passo atrás.

— Nesse caso, é todo teu.

Ancoraram em uma pequena baía desabitada, não muito longe da costa. O jantar foi simples: frango, pão, queijo, fruta e vinho branco. Depois, deitaram-se na coberta para terminar o vinho.

— Onde aprendeu a navegar? — perguntou

Hunter, que tinha a cabeça dela em seu ombro.

— Meu pai era marinheiro. Ele me animou que aprendesse e depois me inscrevi no clube local de vela — respondeu fazendo um esforço por não ser tão consciente daquele corpo masculino junto ao dela.

Mas foi impossível.

— por que resolveu ser modelo? — perguntou Hunter enquanto acariciava um braço.

Reba recordou o motivo de sua profissão com dor.

— Não era minha intenção, mas um amigo me disse que poderia ganhar com isso muito dinheiro, por isso me tornei modelo — em um sentido, era verdade.

Hunter pôs a mão no queixo e a fez levantar o rosto para olhá-la nos olhos.

— Tão importante é o dinheiro para você?

Ela encolheu os ombros.

— Sim, é se não se tem. Só os ricos podem dizer que o dinheiro não é importante porque têm muito mais do que necessitam. Às vezes, nossas necessidades são muito maiores que nossos bolsos.

— Mmmmm. Pode ser que tenha razão — concordou ele.

Então, mudando de humor, Hunter deixou seu

copo, ficou em pé e lhe ofereceu uma mão.

— Vamos dançar.

Permitiu que a ajudasse a levantar-se.

— Não temos música — protestou Reba quando Hunter começou a mover-se.

— claro que sim. Fecha os olhos e escuta.

Logo, o mundo deixou de existir. Eram só eles dois e aquela deliciosa sensação. Enquanto se moviam, beijaram-se. Reba acariciou os lábios com a língua e a sensação foi elétrica. Ela ofegou, apertando-se contra ele, desejando mais e mais enquanto o beijo se fazia cada vez exigente. Procuravam a saturação de um no outro.

Reba nunca havia sentido nada parecido. Ninguém tinha despertado sua paixão dessa maneira. Quando Hunter deslizou a mão por baixo da camiseta dela, Reba quase perdeu o equilíbrio. Queimava-se! E queria queimar-se. Queria sentir as mãos dele em todo o corpo e queria acariciá-lo da mesma maneira. Gemeu de prazer ao sentir os polegares de Hunter em seus seios e, quando por fim se apoderou deles e acariciou os mamilos, ela tremeu e se arqueou para ele.

— Hunter... — pronunciou o nome com um desejo que quase doía.

Reba não tinha dúvidas nem medo. Ofereceu-se

a ele com confiança absoluta. Queria tudo o que Hunter quisesse. Era o amante com quem tinha sonhado sempre. Amava-o.

— Não! — Hunter afastou as mãos, que tremiam—. Não, Reba. Isto é muito precipitado. Desejo você com loucura, mas primeiro quero te conhecer melhor. Quero que façamos as coisas devagar, que saboreemos tudo sem nos precipitar como se não houvesse um amanhã. Quando, por fim, fizermos amor, a espera terá feito ficar muito melhor.

Reba não acreditava no que ouvia. Toda a vida tinha sido perseguida por homens que só queriam uma coisa dela; e agora, Hunter, o homem a quem teria se entregue encantada, estava dizendo que deviam esperar. Isso a fez sentir-se querida, mimada.

Os olhos dela se encheram de lágrimas de felicidade.

— Certo — suspirou e sentiu os braços de Hunter a seu redor—. A final temos todo o tempo do mundo.

Capítulo 2

Reba jamais esqueceria os dez dias que seguiram, possuíam um calor e um brilhantismo que jamais se apagaria. Foi um tempo de descobrimento para ela e Hunter. Soube o que era ser realmente feliz e não se preocupou que essa felicidade dependesse de estar unida a outra pessoa porque sabia que o que sentiam um pelo outro era verdadeiro.

Fora do trabalho, eram inseparáveis. A parte da afeição que compartilhavam pela vela, esporte que realizavam quase todos os dias, também descobriram seu mútuo amor pela natureza. Falaram longamente da forma como os habitat naturais estavam sendo destruídos e o que se podia fazer para evitar isso. Em outras ocasiões, deram longos passeios pelas praias, ou passearam pelo campo, onde Hunter mostrou os encantos de observar os pássaros.

Reba sabia que o amava e também que ele a amava. Não precisava dizer com palavras, se o fazia saber com a menor de suas carícias, com seu sorriso.

O controle que Hunter tinha sobre si mesmo era impressionante; sobre tudo, tendo em conta que

os dias transcorriam. Os sonhos dela eram cada vez mais eróticos e fantasiava com o que ocorreria quando, por fim, Hunter perdesse o controle.

Descobriu ao finalizar o último dia que filmaram no iate. A partir desse momento, foram trabalhar no campo, perto de uma cascata. As próximas filmagens iriam durar uma semana e depois a volta para casa. Pela primeira vez, Reba se sentiu insegura. Tinha a esperança de passar os dias seguintes no iate dele, mas o silêncio dele a fazia sentir-se insegura na hora de perguntar.

Enquanto vestia um vestido que comprou em uma loja, pensou que talvez pudesse falar do assunto essa noite. Como de costume, ficou no iate depois que os outros partiram. De repente, enquanto colocava suas coisas na bolsa, ouviu a porta do camarote a suas costas. Deu meia volta e o viu avançando para ela com expressão turbulenta.

— Então vai embora! E quando pensava me dizer isso Reba? — perguntou ele com voz ameaçadora.

Reba, surpresa, ficou boquiaberta.

-O que?

— Não se faça de tola. Acabam de me pagar por meus serviços e me disseram adeus!

Foi então quando compreendeu e se mordeu os

lábios para não rir.

— Hunter, por favor, se acalme.

— Tenho algum motivo para me acalmar? — perguntou ele elevando a voz.

— Não vou partir para nenhum lugar! — respondeu ela em voz igualmente alta.

— Como não vai?

Reba levou a mão à boca para não sorrir.

— vamos filmar em outra parte, mas não vamos embora da ilha. Ao menos, ainda não.

Com fascinação, viu-o ruborizar-se. Então, é obvio, pôs-se a rir, não pôde evitar.

Um brilho malicioso apareceu nos olhos dele enquanto avançava para ela.

— Você acha engraçado, né? Vamos ver o que acha disto...

Com um grito, Reba tentou se esquivar, mas Hunter foi mais rápido. A jogou no ombro e, apesar da fingida luta que ela apresentou a levou ao quarto. Fechou a porta com o pé, atirou-a em cima da cama e ele se deitou a seu lado, cobrindo o corpo com o seu.

Tudo mudou de repente. Os olhos dela aumentaram, cravados nele, observando como seu rosto se suavizava e seus lábios se tornavam mais sensuais.

— É isto um castigo? — sussurrou ela com voz espessa, sentindo que o sangue se amontoava em suas veias.

—Não, é o prêmio. Devo ter feito algo muito bom e você é minha recompensa. Jamais deixarei você escapar.

Baixou a cabeça e cobriu os lábios com os seus; por sua vez, Reba o recebeu sabendo que aquela era uma viagem sem volta.

A paixão se desencadeou imediatamente. Despiram-se um ao outro sem saber realmente como. Reba só estava consciente de que sua pele tocava a pele dele sem as restrições das roupas. O amor disse o que tinha que fazer ao percorrer esse caminho novo para ela. Sentiu um grande prazer acariciar os suarentos ombros, as costas, seu calor... Ouvir seus gemidos. Foi maravilhoso descobrir que Hunter experimentava o mesmo prazer ao acariciar seus seios, para ouvi-la gemer.

Hunter se deitou de barriga para cima, expondo seu magnífico corpo ao olhar dela, e Reba iniciou uma viagem de exploração e descobrimento. Ali onde suas mãos o acariciavam, depois o faziam seus lábios, saboreando-o. Ouviu-o suspirar e agitar-se; mas quando suas mãos foram reclamar o topo de sua conquista, ele impediu, puxando ela

para cima para depois voltar a colocar-se em cima de Reba.

—É uma bruxa. Faz que quase não possa me conter.

—Quero que não se contenha — ofegou ela ao tempo que Hunter beijava sua garganta.

— Ainda não, olhos de tigre, ainda não.

Mas não demorou muito depois de suas carícias com mãos e boca. Logo, Reba se esfregou contra ele, incapaz de suportar a doce tortura, gritando de prazer.

Então, Hunter levou suas mãos ao úmido centro dela, acariciando-o até fazê-la arquear-se e explodir. E enquanto Reba flutuava em outra realidade, Hunter se posicionou, separou-lhe as pernas e a penetrou lentamente, rompendo a última barreira de seu antigo eu. Transportou-a para um mundo onde a tensão aumentava incessantemente com cada impulso, com cada golpe de seu poderoso corpo, até romper os limites do mundo real para chegar a um inimaginável prazer.

O universo voltou para seu lugar muito devagar. Foi então quando Reba conseguiu levantar suas pesadas pálpebras e se encontrou nos braços do Hunter no camarote do iate depois da mais deliciosa união sexual. Não recordava ter sido

nunca tão feliz.

— Como se sente? — perguntou ele em tom preocupado porque, apesar da paixão, deu-se conta de que, para ela, tinha sido a primeira vez.

— Maravilhosamente bem — respondeu ela.

— Não machuquei você?

Reba elevou a cabeça e sorriu maliciosamente.

— Não me lembro.

Hunter devolveu o sorriso.

— Foi bom?

Ela apoiou o queixo em seu ombro.

— Que não deixe que suba à cabeça, não esqueça que não tenho com o que comparar você.

— Mas eu sim. Em uma pontuação do um a dez, diria que foi... — interrompeu-se quando Reba o beliscou — . Ciumenta?

— Deveria estar?

— Não — confessou Hunter ao tempo que, incorporando-se ligeiramente, apoiava-se em um cotovelo — . Temos que fazer planos, olhos de tigre.

— Que planos? — perguntou ela Sorrindo.

Hunter tomou sua mão e beijou cada um dos dedos.

— Antes me disse que teria que partir.

— Poderia ficar alguns dias mais depois da filmagem... Se me deixar ficar em seu iate.

— Mas, de todas as formas, terá que partir, não?
— insistiu ele com expressão um pouco mais dura.

Reba umedeceu os lábios.

— Tenho que trabalhar Hunter, não tem outro jeito.

Os olhos azuis dele se cravaram nela.

— Poderia se casar comigo — sugeriu Hunter, e foram as palavras mais lindas que Reba tinha ouvido jamais.

— OH, Hunter, eu adoraria me casar com você. Quando você quiser! — gritou enquanto os olhos se enchiam de lágrimas—. Mas terei que continuar trabalhando.

Hunter, contemplando aquelas preciosas lágrimas, sorriu.

— Não, não terá que fazer isso. Deixa que eu me preocupe com o dinheiro. Pode que ganhe a vida como posso com os navios, mas ganho a vida. Posso manter minha própria esposa.

Claro que podia, mas ele não conhecia a situação. Reba sabia que compreenderia quando a explicasse, mas antes teria que pedir permissão a sua mãe para fazer isso. Para Harriet Wyeth era fundamental sentir que mantinha o controle de sua vida. Em qualquer caso, contaria tudo no dia seguinte, ia chamar sua mãe por telefone para pedir

permissão. Depois, já encontrariam entre ambos uma solução ao problema.

— Certo, Hunter, o que você quiser.

Hunter lançou um grunhido.

— eu adoraria ter a segurança de que fosse sempre assim dócil olhos de tigre.

— Não se preocupe, sempre conseguirá me convencer do que quiser.

Era já tarde quando Hunter a levou ao hotel. Queria que ficasse para passar a noite no navio, mas no dia seguinte, Reba tinha que levantar muito cedo. Despediram-se na entrada do hotel com um beijo. Reba foi a recepção pegar chaves de sua suíte e, junto com elas, deram-lhe um papel.

— deixaram uma mensagem para você, senhorita Wyeth. Uma pessoa tentou entrar em contato com você, mas não sabíamos onde localizá-la.

Reba sentiu um calafrio. Só havia um motivo para que quisessem entrar em contato com ela urgentemente. Não tinha dúvida, a mensagem devia ser de sua irmã para pedir que chamasse em casa imediatamente.

— Obrigado.

Em sua suíte, dirigiu-se ao telefone ao momento.

— Maggie? Sou Reba.

— Onde estava? Estamos a horas tentando falar com você!

Reba fechou os olhos e respirou profundamente. Não podia revelar o que tinha estado fazendo, nem sequer para sua irmã.

— Acabo de receber sua mensagem. Se acalme, Maggie. Vamos, me diga o que aconteceu.

— Mamãe está pior. OH, Reba... Têm que interná-la outra vez! O médico me pediu que entrasse em contato com você no caso de...

No caso de!

— De acordo, entendi. Está estável?

— Sim, mas ficou muito tempo inconsciente. Estava muito assustada, Reba — disse Maggie a ponto de voltar a chorar.

— É natural. Vamos, fique tranqüila, irei para casa assim que puder. Primeiro tenho que... Solucionar algumas coisas. Voltarei a ligar para dizer o vôo em que vou. Se mamãe se encontrar estável, não vai acontecer nada de momento, assim tenta não preocupar-se muito. Logo estarei aí, prometo.

Quando desligou, suspirou. Tinha tentado tranqüilizar sua irmã, mas o certo era que também necessitava que alguém a tranqüilizasse. De

repente, caiu o desespero. Cada vez que sua mãe sofria uma recaída, as possibilidades de que a operação se realizasse a tempo diminuía o que significava que tinha que ser já. Não podiam esperar mais.

Cobriu o rosto com as mãos. Por que agora? Por que justo quando tinha conhecido o homem mais maravilhoso do mundo, um homem que a amava tanto como ela a ele, e que queria torná-la sua esposa? O terrível era que Hunter não podia ajudá-la a resolver o problema de sua mãe. Necessitava de dinheiro, e a única forma de conseguir era aceitar a proposta de casamento do Eliot. Sabia que Eliot não negaria sua ajuda. Provavelmente, se ofereceria para pagar a operação sem que ela pedisse, pela simples razão de que estava apaixonado por ela. No entanto, era precisamente por isso, porque a queria, por isso Reba não podia pedir ajuda sem aceitar sua proposta.

A conclusão a que chegou a encheu de dor. Encontrava-se dividida entre o amor e o dever. Não era justo! Mas se negasse a ajudar sua mãe, jamais se perdoaria porque seria como matá-la. E, entretanto, casar-se com o Eliot quando amava outro homem... Como podia fazer isso? Como ia

renunciar a Hunter?

Ao amanhecer, aceitou a conclusão a que tinha chegado: não tinha alternativa. Amava sua mãe e Hunter, mas sua mãe morreria se sacrificasse por ela, e Hunter não. Em certo modo, conseguiria sobreviver se conseguia fazer que Hunter a odiasse. Teria que encontrar a forma de fazer que o amor que Hunter sentia por ela se transformasse em ódio porque não podia dizer que, embora o amasse, ia se casar com outro.

Se Hunter fosse rico como Eliot! Mas não tinha sentido pensar nisso. Hunter não era rico e não podia ferir seu orgulho dizendo que não tinha o dinheiro suficiente para ajudá-la. Devia deixá-lo, mas com o orgulho intacto.

Depois de ter tomado aquela decisão, tomou banho e vestiu um traje de linho que estava acostumado a usar para viajar. Continuando, arrumou por telefone o bilhete de avião e depois ligou para o quarto do Maurice.

— Sim? — respondeu o diretor, aborrecido por que era muito cedo.

— Sou eu, Reba, Maurice. Sinto te chamar a estas horas, mas acabo de receber uma chamada urgente de casa. Houve uma emergência e tenho que partir.

Esperou a que seu chefe estalasse, e assim foi.

— Que o que? De maneira nenhuma, querida.
Não vai partir daqui!

A fúria de Maurice não a alarmou, estava muito aniquilada.

— Irei no primeiro vôo — declarou ela com voz tranqüila.

— Se fizer me assegurarei de que não volte a trabalhar em sua vida! — ameaçou Maurice antes de desligar.

Reba duvidava que Maurice tivesse a ousadia de levar a cabo sua ameaça; entretanto, não acreditava que fosse trabalhar muito tempo mais. Suspirando, aproximou-se da porta. Fizera o fácil, agora restava o mais difícil.

Quando o táxi a deixou no embarcadouro, ainda não sabia se conseguiria enganá-lo.

Hunter estava ali, trabalhando na cobertura do navio. Levantou a cabeça e, quando a viu, seu rosto se iluminou.

Saltou do navio e esperou que ela se aproximasse.

— Nossa, isto sim que é uma surpresa. Acreditava que estava filmando a quilômetros daqui.

Reba, graças a sua preparação como modelo,

conseguiu sorrir a pesar da dor que sentia.

— houve um problema técnico e temos a manhã livre — essa era a primeira mentira.

Hunter rodeou sua cintura e a estreitou contra si.

— Uma pena para eles, e uma sorte para mim, olhos de tigre — disse baixando a cabeça.

Reba o beijou com desesperada paixão, consciente de que, provavelmente, aquela seria a última vez que compartilharia com ele algo tão maravilhoso. As lágrimas espreitaram, mas conseguiu se conter. Depois, incapaz de seguir, liberou sua boca e ocultou o rosto no ombro de Hunter.

— O que está fazendo no navio? — perguntou ao ver um montão de coisas empilhadas na coberta.

Hunter voltou a cabeça.

— Jim Mitchell, o proprietário, vai recolher o iate em Trindade. Assim vou levar minhas coisas— Reba conteve a respiração, tinha a desculpa perfeita. Não seria agradável, mas era sua oportunidade. Sabia que a agência tinha alugado o iate de um milionário, e Hunter não era esse milionário; se fingia que tinha acreditado que era ele... E se passasse por uma caçadora de fortunas? Nesse caso, Hunter acabaria odiando-a e, ao final, a esqueceria.

— Este é o iate de Jim Mitchell? — perguntou fingindo surpresa.

— Sim. É o dono da companhia que, por sua vez, é a proprietária da casa de modas para a qual está fazendo anúncios. Assim foi como se escolheu este iate para a filmagem.

— Mas... Eu acreditava que este navio era seu — disse ela chorando por dentro.

Por fim, o tom de voz da Reba conseguiu alarmar ao Hunter. Fez-se um tenso silêncio até que ele o interrompeu.

— Sêrio?

“OH, Meu deus, Hunter, amo você. Perdoe-me pelo que vou fazer”.

— Pois se comportava como se fosse seu! Hunter ficou imóvel. Seus olhos azuis ficaram frios como o gelo.

— Entendo. Acreditava que era um homem rico, não é verdade? Deus, como me enganou! E eu que acreditei que me queria!

Querer você? Amava-o com todo seu coração, temia morrer de dor. Mas não tinha alternativa, tratava-se da vida de sua mãe.

— É obvio que quero, mas...

— Mas só porque acreditava que era rico?

— Acreditei que fosse o dono deste navio, é

obvio.

— E também acreditou que tinha sido sua sorte quando pedi que se casasse comigo, não?

Reba se sentia destroçada. Esse homem era seu sonho transformado em realidade, mas jamais poderia ser dele. Seguir mentindo foi o mais difícil que tinha feito em sua vida.

— Já disse que, para mim, o dinheiro é importante. Faz muitos anos decidi que, quando me casasse, seria com um homem rico.

O amor que os olhos dele mostrava, desapareceu por completo.

— Tanto se estiver apaixonada por ele como se não?

Reba encolheu os ombros.

— É obvio, preferiria estar apaixonada. Quando conheci você...

— Pensou que tinha dado com um milionário!

— interrompeu Hunter ao tempo que, com brutalidade, separava-se dela—. Sinto muito, querida, mas não teve sorte.

Reba sorriu ante sua pequena vitória. O plano tinha saído bem, Hunter já a odiava. Um desespero jamais conhecido a invadiu, mas resistiu.

— Algumas vezes se ganha e outras se perde.

— Essa é sua filosofia? — perguntou ele com

expressão gélida.

Desgraçadamente, Reba não encontrou resposta para isso.

— O que vai fazer agora?

— Importa isso? Partirei. Mas meu lugar jamais estará entre os ricos. Vou me embebedar e agradecer a Deus que não sou um homem rico porque, justo por isso, acabo de escapar das garras de caçadora de fortunas mais avara que tive a desgraça de conhecer em minha vida.

Reba conteve um soluço.

— Amo você... A minha maneira, Hunter — conseguiu dizer ela.

Hunter esboçou um irônico sorriso.

— Céu, você não sabe o que é o amor. Se soubesse, não o estragaria. Não sei quem me dá mais pena, se você ou o homem com quem vai se casar. Um dia descobrirá que o dinheiro não é tudo, Reba.

E depois dessas palavras, Hunter deu meia volta, saltou do iate e desapareceu no camarote.

Reba voltou sobre seus passos, embora as pernas ameaçassem falhar em qualquer momento. Por fim, conseguiu um táxi e retornou ao hotel. No quarto, jogou-se na cama e chorou até que não ficaram lágrimas. Amava Hunter e tinha feito o

melhor para ele, tinha conseguido que a odiasse.

Esgotada emocionalmente, sabia que teria que representar seu segundo papel mais difícil durante os dias seguintes. Eliot não esperava dela uma grande paixão, mas sim devia mostrar que estava feliz com a escolha. Ainda não sabia quando pediria sua ajuda, isso dependia de como se encontrasse sua mãe.

Chegou a Inglaterra no dia seguinte, decidida a parecer alegre e contente. A casa estava vazia, mas Maggie tinha deixado uma nota em que dizia que estava no hospital e que tinha deixado preparada uma salada na geladeira.

Reba foi diretamente ao hospital e ali o primeiro que fez foi ver o médico.

— Como sabe cada ataque piora a saúde de sua mãe. É uma mulher muito forte e luta contra a enfermidade, mas não pode seguir assim muito mais. Deveria ser operada o mais rápido possível já que pode chegar o momento em que seu estado tenha piorado tanto que não a possa operar; em primeiro lugar, porque nem sequer possa viajar.

Aquilo era o que Reba tinha temido ouvir.

— Acredito que terei o dinheiro logo. Estaríamos a tempo se a operar dentro de dois ou três meses? — perguntou Reba, consciente de que

não podia aceitar a proposta do Eliot e pedir dinheiro ao mesmo tempo.

O médico apertou os lábios.

—quanto antes, melhor. Deveríamos evitar que sua mãe sofra outro ataque.

Pelo jeito, deveria ser antes do casamento.

—Está bem, a semana que vem terei esse dinheiro. Por favor, faça os preparativos necessários para a operação.

— Me alegro que me diga isso. Avisarei quando tudo estiver preparado para que se realize a operação.

—Obrigado, doutor.

Reba saiu do consultório do médico e foi ver sua mãe; encontrou-a em uma sala que tinha três camas mais, vazias nesses momentos.

— Reba!

Maggie saltou do assento no momento em que viu sua irmã. Era mais baixa que Reba, tinha o cabelo mais escuro e os olhos mais castanhos, mas era igualmente bela.

—Graças a Deus que chegou.

Abraçaram-se com ternura e logo Reba olhou para a cama.

— Como se encontra?

—Melhor. O médico disse que poderá voltar

logo para casa. Eu disse a mamãe que vinha e se zangou comigo por te avisar.

Reba sorriu.

— Nesse caso, deve estar bem melhor.

Maggie sorriu maliciosamente.

— Quer que vá buscar um café? Suponho que vai querer falar com ela a sós um momento, não?

— Quero falar com as duas, assim volta em seguida.

Maggie saiu do quarto e Reba se aproximou da cama de sua mãe.

Harriet Wyeth estava pálida e gasta, mas seu olhar era tão sagaz como sempre.

— Disse a Maggie que não pedisse que viesse — protestou Harriet.

Reba se agachou para beijar a sua mãe na face e depois se sentou na cadeira que sua irmã tinha deixado vazia.

— Me alegro de que tenha feito isto. Tenho uma notícia para dar a vocês.

— Uma boa notícia? — inquiriu sua mãe.

— A melhor — respondeu Reba ao tempo que tomava a mão de sua mãe e a apertava.

— Bom, perdi algo? — perguntou Maggie que chegava nesse momento com o café.

— Nada, querida — assegurou Harriet—. Reba

estava me dizendo que tem uma boa notícia para nos dar.

Reba umedeceu os lábios. Durante o vôo, tinha preparado o que ia dizer e agora esperava conseguir o que se propunha.

— Bom, não queria dizer isso antes de ir, mas... Enfim, com o último trabalho que tenho feito e um dinheiro extra que me deram... A notícia é que poderá se operar muito em breve, mamãe! — anunciou Reba, e a expressão de sua mãe foi recompensa mais que suficiente.

— OH, Reba! — exclamou Harriet em tom quase reverente ao tempo que os olhos se enchiam de lágrimas.

— Está contente?

Harriet entrelaçou os dedos com os de sua filha.

— É obvio que estou, mas mais por você. Trabalhou muito e nunca me pareceu justo pedir tanto, filha. Vivo sonhando com o momento em que possa me levantar e ajudar. Tenho me sentido tão inútil! Agora, poderá deixar de preocupar-se por mim e viver sua vida.

— E agora vem a outra notícia — acrescentou Reba rapidamente —. Vou me casar.

Harriet não cabia em si de felicidade.

— Casar? Reba, isso é maravilhoso. Com quem? Eu o conheço?

—chama-se Eliot, mamãe. Eliot Thorson III, para ser exata. Não o conhecem, mas logo conhecerão.

Os olhos de sua mãe se aumentaram.

—Deus do céu, com um nome assim, parece ser uma pessoa muito importante.

Reba se pôs a rir.

—Sua família é proprietária da maior cadeia hoteleira dos Estados Unidos.

— Você o ama, Reba? —perguntou Harriet com voz fraca.

Nesse momento, a mente dela conjurou a imagem de dois olhos intensamente azuis, mas recusou a imagem no momento. Esses olhos não eram para ela, não podia se permitir isso.

— Sim, amo. Eliot é um homem maravilhoso.

— Bom, e quando vai ser o casamento? — perguntou Maggie sorrindo maliciosamente.

—Ainda não decidimos. Na realidade, Eliot ainda não sabe que aceitei sua proposta.

Ao ver as expressões de sua mãe e sua irmã, apressou-se a acrescentar:

—Bem, pediu-me que me casasse com ele em Nova Iorque, justo antes que fosse fazer este último

trabalho. E eu, antes de responder, queria falar com vocês, por isso disse que esperasse a minha volta. Enfim, agora voltarei para Nova Iorque para dar a boa notícia. O que acham?

— Os jovens de hoje em dia fazem umas coisas muito estranhas! — exclamou sua mãe rindo—. E agora, quero que me fala dele, que me conte isso tudo.

Reba teve que obedecer e falar do Eliot a sua mãe com todo o entusiasmo de que foi capaz. Talvez, se repetisse constantemente a si mesma que seria feliz com ele, ao final acabaria acreditando.

Capítulo 3

Reba voltou para Nova Iorque em meados da semana seguinte. Quando chegou a seu apartamento, não perdeu tempo. Tomou uma ducha rápida e se vestiu na moda: uma calça preta curta e uma jaqueta amarela. Também se maquiou, como se com isso pudesse mascarar seus sentimentos. Por último, um pouco de perfume e já estava pronta para ir na busca de Eliot, consciente de que quanto antes fizesse, melhor. Devia ser honesta com ele a respeito de sua mãe, que já tinha dado permissão para contar a seu noivo sobre a enfermidade.

Como tinha suposto, Eliot estava no escritório do hotel de sua família. Não a esperava, mas o prazer que seu rosto mostrou ao vê-la foi suficiente para aliviar a dor que Reba sentia.

—Olá, Eliot. Espero não incomodar com minha visita — se desculpou ao entrar no escritório.

Eliot se levantou e se reuniu com ela na metade da sala.

— Dou permissão para que me interrompa sempre que quiser querida. Eu adoro ver você em qualquer momento e sabe. Meu Deus está linda, vou ter que te beijar! — declarou antes de fazer isso.

Reba devolveu o beijo com mais carinho que nunca; embora, a julgar pela expressão dele, este não a compreendeu.

-Reba?

Ela se pôs a rir.

— Sim, Eliot. Vim para responder, e a resposta é sim, me casarei com você.

A incerteza se transformou em alegria quando Eliot a estreitou em seus braços com tal força que quase tirou a respiração.

— Nunca se arrependerá disso, amor, nunca. Já sei que não está apaixonada por mim, mas será só questão de tempo. Vou te querer tanto que não poderá evitar isso.

Reba riu com certo desespero e os olhos empanados.

— Sim, Eliot, por favor, faz isso! E eu prometo que serei uma boa esposa. Seremos felizes, certo? — foi um grito de desespero que lhe saiu do mais profundo de seu ser.

— Imensamente felizes.

Eliot a soltou e, com o entusiasmo de um garoto, aproximou-se de seu escritório e chamou a sua secretária pelo telefone.

— Hilary, pede que subam uma garrafa do melhor champanha e duas taças, por favor. E chama

também meu joalheiro e peça que traga vários anéis de noivado. Reba vai se casar comigo.

Reba não ouviu o que Hilary disse, mas deixou muito feliz o Eliot porque se pôs a rir enquanto esfregava as mãos. Depois, sacudiu a cabeça sorrindo como se não acreditasse na sorte que tinha.

— Você se dá conta de que vai contar a todos do hotel? — perguntou Reba.

— E que mais posso esperar? Sou o homem mais feliz do mundo e quero que todos saibam. E pensando bem, será melhor que diga também a minha família. Seria a maior confusão se souberem por outra pessoa. E sua família? Se quiser, pode chamar daqui.

Aquele era o momento que Reba tinha temido.

— Já sabem. Antes de voltar para Nova Iorque, fui a Inglaterra porque minha mãe estava doente.

Eliot se encontrou a seu lado imediatamente, conduziu-a a um sofá de couro e se sentou junto a ela.

— Espero que não se trate de nada sério.

— Sim é. Minha mãe leva um tempo necessitando uma operação que só realizam em um hospital deste país e, como pode imaginar, custa uma fortuna. Por isso é pelo que sempre aceito qualquer trabalho que me oferecem. Estou

economizando para poder pagar a operação.

Ao concluir, Reba ficou olhando intensamente, esperando.

— por que demônios não me pediu o dinheiro para a operação? — perguntou ele.

Reba lançou um suspiro.

— OH, Eliot, não podia fazer isso. Além disso, minha mãe não teria aceitado.

— Não seja tola, sua mãe não tem por que saber disso. E agora, não quero discutir com você, Reba. O dinheiro para a operação é seu. Você só precisa dizer quando terá que pagar e farei um cheque. Pode contar o que quiser para sua mãe, manteremos isso em segredo, certo?

— Se aceitar, é com a condição de que aceite que devolva depois.

Eliot sorriu amplamente.

— O que você quiser amor, o que você quiser — respondeu ele.

Nesse momento, bateram na porta e Hilary entrou com uma bandeja em que havia uma garrafa de champanha e duas taças.

— Felicidades, senhor Thorson e senhorita Wyeth. Espero que sejam muito felizes - disse a secretária sorrindo—. Ah, e o joalheiro disse que logo estará aqui.

A secretária partiu e Reba observou Eliot enquanto este servia o champanha, sabia que tinha ganhado uma vitória moral. Devolveria o dinheiro da operação, era a única maneira de poder viver em paz consigo mesma. E também seria uma boa esposa para o Eliot.

Eliot voltou para seu lado e brindaram.

— A nós — propôs ele.

— A nós — repetiu Reba.

Recostando-se no respaldo do sofá, Eliot pôs um braço sobre os ombros e a aproximou para si.

— Não sei você, querida, mas eu não quero esperar muito para nos casar.

Reba estava totalmente de acordo. Não serviria de nada esperar.

— No que diz respeito a mim, quanto antes, melhor.

— Maravilha. Em minha opinião, se sua mãe tiver que vir de todas as formas, poderíamos nos casar aqui, nos Estados Unidos. Embora... E o resto de sua família? Vai convidar seus parentes?

— Só somos quatro: minha mãe, minha irmã, meu irmão e eu. Não temos mais familiares... Que eu saiba.

— Que sorte tem! O clã dos Thorson pode encher um pequeno estádio, e o pior de tudo é que

tenho que convidar todos. Iriam se sentir insultados se não fizesse isso - apesar de suas palavras, Eliot parecia encantado; não obstante, ao cabo de uns segundos, seu semblante se escureceu—. O que significa que também terei que convidar o Hunter.

Aquele nome encolheu o coração de Reba. Devia ter ouvido mal. Além disso, não era um nome tão estranho e, por outro lado, podia ser seu sobrenome; os homens, muitas vezes, chamavam-se pelo sobrenome. Mas... E se...? Tinha que saber, tinha que descobrir se seus temores eram fundados.

— Convidar a quem?

— Hunter Jamieson, meu primo. Não o conhece. Não nos damos muito bem, mas... É da família, assim terei que convidar ele também. Além disso, se tiver um pouco de vergonha, recusará o convite.

O nome era o mesmo, mas tinha que tratar-se de outra pessoa. Seu Hunter não podia ter nada que ver com rica família Thorson... Ou sim?

—Esse nome me parece familiar. Em trabalha seu primo?

Eliot lançou um grunhido.

—Ele chama de “andar com navios”. O que faz é desenhá-los e construí-los.

Reba ficou olhando a taça de champanha com

expressão ausente. Não, não havia engano. Hunter era primo de Eliot! Depois de tudo o que tinha feito por afastar ele de sua vida, ia casar se com seu primo! Teve que fazer um esforço enorme por não ficar histérica. Eliot acabava de dizer que seu primo e ele não se davam bem. Possivelmente significasse que nunca se viam. A final, construir navios era muito diferente que dirigir uma cadeia hoteleira.

— Vê-o com frequência?

— Muito para meu gosto! — Respondeu Eliot dando um suspiro —. Tem ações nos hotéis e é membro de alguns dos conselhos de administração, o que significa que é muito importante para ignorá-lo. Ouviu falar de Backbay Marinhe? Bom, pois o herdou de seu pai e o transformou em um negócio multimilionário. Não é o tipo de parente a quem se pode ignorar em público, embora o faça em particular. Um negócio multimilionário! Reba se pôs a rir. Ou ria, ou gritava. Hunter, havia querido a ela, além disso poderia havê-la ajudado. Mas agora não tinha remédio; se fosse a ele, Hunter acreditaria que o fazia porque tinha descoberto que era rico e queria seu dinheiro.

Por que Hunter não havia dito antes que ela destruísse tudo? Por que tinha mentido? Não sabia se poderia suportar vê-lo cara a cara quando

chegasse o momento, mas rezou por encontrar força suficiente.

—Querida, você está bem? —a pergunta dele, que parecia preocupado, tirou-a de seu devaneio.

—Perdoa, acredito que é o champanha. Estou tão preocupada com minha mãe que... Enfim, são os nervos — Reba se surpreendeu de como estava se tornando fácil mentir ultimamente.

Imediatamente, Eliot retirou a taça de sua mão.

—Nesse caso, será melhor que não beba mais. E será melhor que me cale e não fale mais de Hunter; ele não significa nada em nossa vida, não precisamos de sua permissão para sermos felizes.

Esgotada mentalmente, Reba se recostou em seu ombro. Por sua mãe, tinha que fingir estar apaixonada por ele, e se deu conta de quão importante era que Eliot jamais se inteirasse do que tinha havido entre o Hunter e ela.

—Vou convidar você para jantar esta noite e vai ser o melhor jantar de sua vida — disse Eliot—. E outra coisa, acabo de me lembrar de que vou à ilha passar o fim de semana com minha mãe, assim iremos os dois juntos e apresentarei aos membros mais importantes de minha família.

—Maravilha!

Na sexta-feira pela manhã, às dez e meia, Reba

foi abrir a porta. Olhou-se no espelho do saguão antes de abrir; a blusa de seda rosa e a calça cinza eram, além de cômodos, elegantes, e a maquiagem era perfeita. O cabelo lhe caía pelos ombros em ondas, uns cabelos que Eliot adorava.

Satisfeita com sua aparência física, abriu, consciente de que era Eliot quem se encontrava no outro lado da porta. Seu sorriso era autêntico, o carinho que por ele era verdadeiro; só esperava que fosse suficiente.

Esse dia, seu noivo estava muito bonito com aquele traje cinza.

—Olá, querida — disse ele com voz rouca ao estreitá-la em seus braços.

Obedientemente, Reba elevou os lábios para os dele para aceitar seu prolongado beijo. Era muito agradável estar em seus braços, disse a si mesma, sempre tinha gostado que a beijasse. Nesse caso, por que não parecia lhe pulsar o coração? Beijou-o com mais entusiasmo do que o normal para sossegar sua consciência.

— Sinto muito sobre ontem à noite — disse ela em tom pesaroso.

Na noite anterior, Eliot tinha querido passar com ela, mas Reba tinha considerado impossível chegar tão longe. Eliot tinha aceitado com graça sua

negativa; entretanto, Reba seguia sentindo-se culpada por isso e continuava repetindo a si mesma que, com o tempo e quando estivessem casados, seria diferente. Precisava acreditar nisso.

—Eu também sinto. Não deveria ter pressionado como fiz. É que a quero tanto, Reba...

—Você aceitou esperar até que estejamos casados — Recordou ela.

Eliot lançou um grunhido.

—Já sei, mas não seria um homem se não tentasse fazer você mudar de idéia de vez em quando, não acha?

É obvio que não seria. Eliot era um homem, um homem com necessidades, um homem que a amava. Reba o rodeou com seus braços e suspirou. Como podia dizer que só queria um homem e que o tinha perdido para sempre?

—Sinto muito, Eliot, mas essa espera significa muito para mim; além disso, não será por muito tempo — prometeu.

Estreitando-a contra si, Eliot ocultou o rosto no pescoço dela.

—Assim espero, embora você não conhece os Thorson quando há casamento na família. Só a preparação da festa levará um mês!

Reba odiava sentir-se aliviada, mas assim era

não podia negar. O que esperava ganhar em um mês, que ocorresse um milagre?

— Acreditava que iríamos nos casar dentro de algumas semanas; no máximo três.

Eliot a olhou sorrindo.

— Receio que a família Thorson necessita que tudo se faça seguindo as regras sociais mais estritas. Em minha família, isso de casamento realizado às pressas não existe, é uma questão de dignidade.

Reba sorriu.

— Soa um pouco antiquado. Eliot lhe devolveu o sorriso.

— Sim, tem razão, mas eu não gostaria de ofender aos meus. Minha mãe é a cabeça da família e insiste em que devemos fazer honrar o nosso nome. E como a futura senhora Thorson, será melhor que se prepare para seguir as tradições familiares e logo fazer que nossos filhos também as cumpram. Sei que fará de forma maravilhosa. E a propósito, está linda. Na realidade, está linda de mais. Minha família vai ficar encantada com você.

Reba se pôs a rir.

— Eliot, vou me casar com você, não com sua família.

— Sinto muito, amor, mas ao me aceitar, aceita todo o lote — brincou ele.

Hunter também? A idéia de encontrar-se acidentalmente com o Hunter a tinha destruído.

— por que não nos fugimos para nos casar? — sugeriu completamente a sério.

Algo como tentar evitar o futuro ameaçador.

Eliot se pôs a rir e a abraçou de novo.

— Isso é o que eu adoro em você, Reba, seu senso de humor. Mas não esqueça que sua mãe já se encontrará bem para o casamento, e ficará feliz em assistir.

Reba tomou o rosto em suas mãos.

— Sabe? Quando diz coisas assim, é quando me dou conta de que acertei em minha escolha.

Eliot sorriu com ternura e a beijou profundamente.

— Me alegro. Enfim, já está pronta? O avião sai dentro de duas horas e hoje o tráfego está terrível.

Quando por fim se aproximaram da ilha, depois de horas de viagem, o sol estava pelo horizonte daquela ilha caribenha que pertencia à família Thorson. Era uma vista que tirava a respiração, algo indescritível e inesquecível que, na opinião da Reba, fazia que a espera para tomar o barco tivesse valido a pena. Teria gostado que Eliot compartilhasse seu entusiasmo, mas ele tinha demonstrado ser um mau marinheiro e estava

deitado já que enjoava. Ela, por sua parte, seguia na cobertura, deleitando-se com a fresca brisa. Para ouvir umas pegadas, voltou a cabeça e viu o Eliot avançando para ela. Seu rosto tinha recuperado um pouco de cor e, pormenorizada, sorriu.

— Encontra-se melhor?

Eliot rodeou a cintura com os braços.

— Sim, melhorei no momento em que pude ver a costa — respondeu ele ironicamente.

Reba o olhou com expressão interrogativa.

— por que tem um iate se enjoa no mar?

— Uso-o para dar festas, não para navegar. Só vou de navio quando não tem outro jeito, como agora. Bom, o que achou de nossa pequena ilha?

— É preciosa — respondeu Reba com toda sinceridade —. Mas eu não diria que é pequena.

Eliot lançou uma gargalhada.

— Bom isso depende de seu ponto de vista, querida. Como nação, consideramo-nos grandes, assim que algo que não é enorme é pequena.

— A ilha inteira é sua? — inquiriu Reba, perguntando-se como ia adaptar se a viver em uma família tão rica para possuir uma ilha.

De repente, surpreendeu a tensão que viu no Eliot.

— Não inteira. Era; entretanto, agora, o

sudoeste pertence A... Outra pessoa.

– Como é isso?

– devido a um capricho de meu avô. É algo do que a minha mãe não gosta de falar, assim, por favor, não mencione.

Reba cravou os olhos no horizonte.

– Se não quer que essa pessoa esteja aí, por que não compra sua parte?

Quando Eliot pôs-se a rir, a Reba não pareceu um som particularmente agradável.

– Acha que não tentamos? Esse descarado não quer vender.

Reba estremeceu a tempo que se perguntava quem seria a pessoa que tanto amargurava Eliot.

Por fim, aproximaram-se da ilha tropical de vegetação exuberante. Umas esplendorosas colinas se elevavam em um extremo; à frente, além de várias edificações, havia um sólido ancoradouro.

– Quem vive nessas casinhas? – perguntou Reba, advertindo que sua chegada tinha atraído a atenção de um grupo de meninos que os saudavam.

Rindo abertamente, Reba os saudou com a mão.

– Querida, não os anime, são um pesadelo. Se fizer, teremos eles todo o tempo a nosso redor – se queixou Eliot.

—São apenas acrianças — protestou ela, incapaz de não responder a aqueles rostos sorridentes —. De quem são?

— São os filhos dos criados e essas são suas casas. Parece-nos mais conveniente que não vivam em nossa casa; sobre tudo, tendo em conta que permanece fechada muito tempo. Têm um pouco de terra para cultivar, e barcos para ir a outras ilhas. São felizes assim, não necessitam de mais — explicou Eliot.

Quando amarraram no ancoradouro, havia vários adultos junto aos meninos que os ajudaram a sair do iate. Por um momento, Reba se viu rodeada daquelas criaturas que se mostravam tão amistosa; não obstante, Eliot as afastou imediatamente.

— Adeus, adeus — disse Reba aos pequenos.

Eliot se mostrou duro com ela.

— Pelo amor de Deus, Reba, está agindo como Hunter. Meu primo até brinca com eles!

Reba ficou feliz ao ouvir isso. Do momento que o conheceu, seu instinto lhe disse que Hunter seria um bom pai. Por outro lado, Eliot...

— Eu acreditava que queria ter filhos.

— E assim é, mas não selvagens como estes. Os nossos, serão corretos e educados.

Reba pensou que era bom que as crianças, às

vezes, comportassem-se como selvagens, embora não parecia que as crianças que acabava de ver fossem.

— Maldição! Onde se colocou Vincent? — o tom petulante de Eliot atraiu a atenção da Reba.

-Quem?

—O chofer — respondeu Eliot mal-humorado—. Deveria estar nos esperando no carro.

Um dos homens que estava colocando a bagagem no veículo, respondeu:

— Vincent está no continente, chefe. A senhorita Thorson disse que conduzisse você.

— Maravilha! — gritou Eliot—. Não sei para que pagar a alguém para que dirija se, no final, tenho que fazer eu mesmo!

Uma vez acomodados no carro, Eliot se desculpou por sua perda de controle e colocaram a caminho. Cinco minutos depois, Eliot parou o carro e se voltou para trás para recolher a jaqueta que tinha deixado no assento traseiro. Do bolso, tirou um pequeno pacote envolto em papel de presente.

— Isto é para você.

Desde seu noivado, Reba viu que seria difícil recusar os presentes que continuava oferecendo, embora não os necessitava e faziam sentir-se incômoda. Apesar do que, sorriu porque sabia que

Eliot fazia ilusão lhe fazer presentes.

— Você está me mimando muito — protestou ela. Quando abriu a caixa, encontrou nela um relógio com brilhantes incrustados.

— OH, Eliot! — exclamou olhando o relógio com expressão atônita.

Rapidamente, seu noivo tirou o relógio de pulso que usava e o substituiu com o novo.

— Você gosta?

“Não fui feita para isto”, pensou Reba com desespero.

— Eu adoro. Obrigado, querido.

Eliot a beijou então, e ela não pôde se esquivar. Reba sentiu um grande alívio quando ele, por fim, soltou-a.

— Mmmmm, precisava disso. Sabe por que te dou tantos presentes, Reba?

A única coisa que Reba queria era que pusesse em marcha o carro e partissem dali.

— Porque é o homem mais generoso que conheço?

— A generosidade não tem nada que ver com isto. Dou presentes a você, porque eu adoro ver o brilho de seus olhos quando os entrego — disse com voz emocionada.

Reba suspirou surpresa com sua habilidade

para mentir.

—Sei que você gosta de me dar presentes, mas não tem que fazer isso.

Eliot a olhou com desejo de acima a abaixo.

—É muito linda, elegante e distante. Quase não posso acreditar que tenha conseguido que me aceitasse. Querida, estou loucamente apaixonado por você, sinto medo de te perder.

Durante uns instantes, Reba temeu que a histeria se apoderasse dela, mas conseguiu controlar-se.

—Não tem que comprar coisas para me manter a seu lado, Eliot. Prometi que me casarei com você e não vou voltar atrás.

Eliot riu feliz e pôs o carro em movimento.

—Sei, mas não ficarei tranqüilo até que nos tenham abençoado.

Quando o carro voltou a ficar em movimento, Reba se recostou no encosto de seu assento e olhou pelo vidro para que Eliot não visse a expressão de seus olhos ao dizer:

—Jamais me perderá, Eliot.

Capítulo 4

A primeira coisa que Reba pensou quando entrou na sala da casa pelo braço de Eliot foi que a senhora Thorson era o arquétipo de uma matriarca. Elegantemente vestida e penteada apesar da umidade, seu aspecto era altivo e distante. Ao sentir o olhar crítico da mulher, Reba se alegrou da roupa que tinha escolhido: um vestido preto justo, modelo exclusivo, que, embora apertado ao corpo, cobria-lhe os joelhos.

A senhora Thorson então esboçou um encantador sorriso e abriu os braços a seu filho. - Eliot!

Havia autêntico carinho em sua voz, e Reba sentiu que seu nervosismo diminuía. Afastou-se enquanto mãe e filho se abraçavam, e depois avançou quando eles a chamaram.

—Querida, deixa que lhe presente a minha mãe.

—Encantada em conhecê-la, senhora Thorson. Isso ganhou um cálido sorriso.

—Então é a jovem com quem meu filho me disse que vai se casar... Deve perdoar que me encontre um pouco surpresa, senhorita Wyeth, mas

não sabíamos nada até ontem, quando Eliot nos chamou para nos dizer que ia vir com você — explicou a senhora Thorson depois de estreitar a mão da Reba.

Isso devia ser a causa de que Eliot se comportou de forma um pouco estranha. Aquele era um momento importante para ele e, naturalmente, desejava que sua família aprovasse sua escolha. Reba se agarrou a seu braço e deu um sorriso de ânimo.

— Por favor, me chame Reba, senhora Thorson. Espero que possamos ser amigas quando se recuperar da surpresa.

A mãe do Eliot voltou a sorrir.

— Estou segura disso. E agora, deixemos de cerimônias. Sinta-se como em sua casa.

Eliot lançou um suspiro de alívio.

— Não havia dito que era uma mãe maravilhosa? — disse ele orgulhoso de si mesmo.

A senhora Thorson deu uma palmada na sua bochecha e sorriu.

— É encantadora, Eliot. E agora, se importaria de nos servir um xerez, filho?

Eliot se dispôs a obedecer a sua mãe no momento e a senhora Thorson se voltou para Reba com um sorriso de cumplicidade.

— Sempre eu gosto de tomar uma taça de xerez antes do jantar; embora, nesta ocasião, é uma desculpa para estar uns momentos a sós com você. E agora, querida, não me leve a mal, mas espero que não se precipitem. Sempre me pareceu admirável a idéia do noivado já que dá a um o tempo necessário para dar-se conta de seus equívocos antes que o dano seja irreparável. É mais fácil começar um casamento que sair dele.

Reba agradeceu a preocupação da senhora Thorson. Sabia que, quando fosse mãe, provavelmente sentisse o mesmo.

— O sentido comum não me ofende senhora Thorson — respondeu Reba e viu como a outra mulher relaxava.

— E a você não parece faltar. Eu gosto. Conhece meu filho a muito tempo?

— Uns meses. O tempo suficiente para saber que podemos ser felizes juntos.

— E o que acham seus pais?

Reba sorriu ao dar-se conta de que era possível que essa mulher acabasse gostando dela.

— Meu pai morreu quando eu era pequena, mas minha mãe está encantada. Ela quer apenas que eu seja feliz. Eliot e eu somos duas pessoas adultas, senhora Thorson, e estou segura de que

compreende que não queiramos esperar mais tempo para nos casar.

A senhora Thorson assentiu com gesto pormenorizado.

— Sim, compreendo. Acredito que me dou conta de mais do que acha. Não esqueça que eu também fui jovem. Ah, acredito que não conhece minha filha Eleanor — acrescentou a mãe do Eliot indicando uma jovem que acabava de entrar na sala.

Eleanor Thorson poderia ter sido a irmã gêmea do Eliot a não ser porque era vários anos mais jovem. Era extremamente bonita, apesar de que o sorriso que mostrava não alcançava os olhos. Quando estreitou a mão de Reba, esta pôde sentir a tensão.

— Eliot disse que é modelo — comentou Eleanor sem olhar para sua mãe.

Algo ocorria, e Reba sorriu amigavelmente com a intenção de tranqüilizar a jovem.

— Sim, sou.

— Eu também queria ser modelo, mas parei de crescer.

Reba riu.

— Temo que tenha que ser alta, sim. Mas não se iluda, não é tão divertido como pode parecer de longe. A maioria das vezes é um trabalho muito

duro e não ganha muito. Estará melhor fazendo outras coisas.

Durante uns instantes, Eleanor se permitiu relaxar.

— Isso mesmo é o que disse a mim mesma. Agora estudo História. A mamãe não parece bem!

— disse a jovem, embora olhando com carinho a sua mãe, por isso Reba se deu conta de que esse não era o motivo da tensão.

A senhora Thorson fez uma careta.

— Me recuso a discutir esta noite, Eleanor. Vá ver se Eliot necessita que o ajude — aconselhou a senhora Thorson antes de voltar-se para Reba com um suspiro —. O que acha de nos sentemos?

A senhora Thorson indicou um sofá a suas costas.

— Reba... Um nome bonito. Acredito que não o tinha ouvido alguma vez. É seu nome verdadeiro ou profissional?

Aquilo iniciou uma conversa sobre a carreira de Reba e sua família que durou até que se sentaram à mesa. O jantar foi excelente e a senhora Thorson mostrou ser uma extraordinária anfitriã. Inclusive Eleanor se tranqüilizou, apesar de que ficou tensa de novo no final.

Então, Reba estava segura de que tinha causado

uma boa impressão, e Eliot parecia pensar isso também porque estendeu o braço e estreitou sua mão.

— O que havia dito, querida? Como não iria minha mãe não gostar de você? Ela sorriu.

— Eu também gosto de sua mãe.

Do outro lado da mesa, Eleanor se esclareceu garganta.

— A propósito, mamãe, queria dizer que convidei Sibyl para vir amanhã — declarou Eleanor bruscamente.

Reba reprimiu um gesto de dor quando Eliot apertou a mão com força e, ao momento, se deu conta de que ia haver problemas.

A senhora Thorson levou a mão à garganta.

— Eleanor! — no momento, olhou a seu filho com expressão de angústia.

Mãe e filhos trocaram tensos olhares.

— Quem é Sibyl? — perguntou Reba.

— Sibyl Haggerty — respondeu Eleanor agarrando o touro pelos chifres—. Iam juntas ao colégio. Acaba de vir da Europa e a convidei para nos ver.

Reba não acreditou, nem outros, embora todos tenham reagido de maneira diferente.

Eliot voltou a relaxar e sorriu para sua irmã.

— É natural que a tenha convidado, mas não foi o mais acertado tendo em conta que Sibyl e eu não nos damos bem — comentou Eliot com voz tranqüila.

Eleanor elevou o queixo com expressão acusadora.

— Pois antes sim.

— Mas agora não. Fale com ela e diga que venha em outro momento — ordenou Eliot.

Entretanto, sua irmã sacudiu a cabeça obstinadamente.

— Não vou fazer isso!

— Já é suficiente! — Interveio a senhora Thorson severamente —. Se Eleanor tiver convidado Sibyl, devemos recebê-la e espero que todo mundo se comporte corretamente.

Era coincidência que, ao pronunciar a última frase, cravasse os olhos em seu filho?

— E agora, que alguém faça o favor de fazer soar o timbre para que Neville traga o champanha que tenho preparado para brindar pela Reba — acrescentou a senhora Thorson, pondo ponto final à discussão.

A que se devia esse alvoroço? Evidentemente, Sibyl era um motivo de briga entre a Eleanor e seu irmão, mas... Por quê? O que tinha feito Sibyl

Haggerty?

Esqueceu-se do incidente quando serviram o champanha. A senhora Thorson propôs um brinde e estava bebendo quando, subitamente, Reba teve a sensação de que alguém a observava às escondidas.

Quando elevou a cabeça, seus olhos dourados se cravaram em umas de cor azul intensa, uns olhos que podiam chegar ao mais fundo de seu ser.

Hunter!

Estava no terraço, bem diante da porta aberta. Vestia quase quão mesmo o dia que o conheceu: uma calça jeans muito usadas e uma camiseta de suspensórios. Era uma presença extremamente potente e o corpo da Reba não pôde evitar responder a um nível muito primitivo. Tinha diante dos olhos à fonte de sua felicidade e de sua desgraça.

Mas... O que estava fazendo ali? A teria seguido? O que ia fazer Hunter? Estava tão preocupada quando se inteirou de que podia encontrar-se com ele acidentalmente, que não tinha ocorrido pensar que Hunter podia destruir tudo.

— Reba? Céu, você está bem? — perguntou Eliot em tom preocupado.

Reba não teve que responder por que, nesse momento, Hunter se moveu atraindo a atenção de

todos os presentes. Houve um momento de absoluto silêncio; então, Eliot ficou em pé e, acidentalmente, sua taça caiu ao chão sem que ninguém notasse.

— Que demônios está fazendo aqui, Hunter? — perguntou em tom irascível.

Hunter, pelo contrário, estava muito tranqüilo.

— Ouvi que iam dar boas-vindas a um novo membro da família — disse com cinismo.

Reba estremeceu e seu temor aumentou. O que se propunha Hunter? De repente, se deu conta de que Hunter sabia o que estava pensando, sabia o que temia. Apenas precisava pronunciar umas palavras para destruí-la.

— É essa mulher? — perguntou Hunter.

Eliot apertou os punhos.

— Mantenha-se afastado dela, ouviu, Hunter?

— Sim, claro que ouço primo — respondeu Hunter, e voltou a olhar para ela —. Reba? Estranho nome, um nome que faz pensar em ardentes paixões e sangue quente. E que olhos! Qualquer um poderia inundar-se neles.

Reba se viu presa de uma extrema agonia. Hunter queria atormentá-la fazendo-a recordar. Desejou gritar, fazer algo, mas não era capaz mais que de permanecer imóvel, indefesa, enquanto ele

observava entrar na sala e avançar para ela.

De repente, a senhora Thorson encontrou sua voz, embora quebrada, algo que surpreendeu a Reba.

— Hunter, sua presença não é bem vinda nesta casa! Ele se pôs a rir, havia pena no olhar que lançou à mulher.

— Acha que não sei, tia Helena? Não se preocupe, irei logo que saldar minha nova prima.

Reba não podia acreditar no que fez. Ia se vingar dela diante de todos sem que eles soubessem. Por medo, Reba não tentou evitá-lo, e Hunter sabia e se aproveitou disso. Reba sentiu que seu corpo absorvia o calor do dele quando se inclinou sobre ela.

— Bem - vinda à família, Reba — disse Hunter com voz rouca.

E antes de dar tempo para evitar, cobriu sua boca com a dele.

Sem poder evitar, Reba fechou os olhos enquanto ele, com incrível arrogância, beijava-a. Quando acariciou os lábios com a língua, Reba ofegou e, depois de ofegar, Hunter a penetrou com a língua acariciando o paladar.

Então, tudo acabou. Hunter se separou dela, deixando-a vazia e sozinha. Rindo dela.

Eliot pôs a mão no ombro do Hunter, obrigando a voltar-se.

— Descarado! Deveria quebrar sua cara pelo que fez!

— Tenta se quer — disse Hunter arqueando as sobrancelhas com gesto irônico.

Os dourados olhos da Reba se aumentaram alarmados diante a idéia de uma briga, tinha que evitar isso. Não podia permitir a Hunter que fizesse mal a Eliot por algo que ela era responsável. Com uma força que não sentia, colocou-se diante de Eliot com gesto protetor.

— O deixe em paz!

Hunter se permitiu o luxo de olhá-la de acima a abaixo.

— Que enternecedor. Deve querê-lo muito para defendê-lo assim.

— Saia daqui!

Hunter não disse nada, não tinha nada que dizer. Com uma inclinação de cabeça, partiu porque isso era o que queria, não porque ela o tivesse ordenado.

Ao chegar à porta, Hunter parou e voltou a cabeça. Com expressão séria, olhou para sua tia.

— Queria te avisar de que vai haver tormenta dentro de uns dias e, parece que, vai ser algo sério.

Se precisar de ajuda, já sabe onde me encontrar.

—Obrigado, Hunter, mas acredito que nos poderemos arrumar — Hunter encolheu de ombros como se tivesse esperado essa resposta.

— A oferta segue em pé. Boa noite.

Desapareceu deixando uma terrível tensão. Nesse momento, Reba sentiu que fraquejaram suas pernas e teria caído se não fosse pelo Eliot. A senhora Thorson recuperou a postura.

—Reba, querida, você está bem? —Perguntou ao tempo que a levava a uma cadeira e se ajoelhava diante dela—. Maldito Hunter. Eu o matarei se fez mal a você!

—Não me fez nada — mentiu ela.

Sim, tinha feito tanto mal que talvez demorasse toda a vida para curar-se. De repente, olhou a seu redor e se encontrou rodeada. Deu-se conta de que tinha que dizer algo.

— O nome dele é Hunter?

— Assim é. Hunter Jamieson é meu sobrinho, a ovelha negra da família. É o proprietário do imóvel situado no outro extremo da ilha — informou a senhora Thorson com voz gélida—. Sinto que tenha sido a vítima de seu... Estranho senso de humor. Sabe que nós não gostamos de sua presença, mas

faz este tipo de coisas para nos zangar.

Reba não tinha dúvida de que havia algo mais, mas o estado em que se encontrava não permitia indagar. Precisava encontrar um lugar tranquilo para assimilar o que tinha acontecido àquela noite. Precisava estar sozinha.

—Sinto muito, mas... Vocês se importariam se fosse para o quarto? — fez a pergunta olhando à senhora Thorson e viu que ela a observava com preocupação.

—Absolutamente, querida. Deve ser muito desagradável para você. Eliot te acompanhará. Boa noite, Reba, tenta dormir. E Eliot, quando descer vêm a biblioteca, temos que falar.

—Muito bem, mamãe.

A meio caminho da escadaria que dava ao piso superior, Reba se encontrou melhor e se atreveu a fazer uma pergunta.

— Hunter é o homem de quem me falou, não é? O proprietário de parte da ilha, não? Por que não me disse isso?

—Porque esperava que não estivesse aqui — respondeu Eliot apertando a mandíbula—. Nunca se sabe com o Hunter, vem e se vai a prazer. Fazemos o possível por o ignorar. Quando penso que beijou você...!

Reba sentiu um nó na garganta, ela tampouco podia esquecer, mas por outros motivos.

— Preferiria que não falássemos disso.

— De acordo. Sinto-me orgulhoso pela forma como enfrentou ele, Reba; entretanto, preferiria que se mantivesse longe de sua parte da ilha. Eu não gostaria que se encontrasse com ele sozinha.

Eliot falava dele como se tratasse de um delinqüente, e teve que reprimir o impulso de dizer que Hunter não era assim. Essa noite mostrou-se cruel, mas tinha motivos. Normalmente, era um homem encantador, carinhoso e pormenorizado.

— Não acredito que seja perigoso — foi quão único pôde dizer em sua defesa.

— Não, mas já viu que não respeita nem às pessoas nem as propriedades.

Nesse momento chegaram à porta do quarto; Reba a abriu, mas manteve a mão na maçaneta, não queria que Eliot entrasse.

— Sinto ter estragado a noite.

— Quem fez isso foi Hunter — declarou Eliot severamente.

Hunter foi beijar ela nos lábios, mas Reba conseguiu voltar o rosto para que a beijasse na bochecha. Já a tinham beijado o suficiente aquela noite.

—Pobre amor, está esgotada. Maldito Hunter! Sempre estraga tudo sempre. Que durma bem, verei você no café da manhã.

Eliot se voltou e Reba entrou em seu quarto, fechou a porta e passou a chave.

O sol estava alto quando Reba despertou na manhã seguinte.

A atmosfera era pesada e opressiva, e muito úmida. Reba tomou uma ducha e se sentiu melhor, embora logo sua pele voltasse a estar banhada em suor. Depois de decidir que vestir roupa era imprescindível, escolheu uma blusa de algodão cor turquesa de alças e um short branca. Não se maquiou; simplesmente, escovou o cabelo e o deixou solto. Se Hunter tinha razão sobre a tormenta, rezaria por que fosse logo para que diminuísse a tensão que a deixava tão nervosa.

Ao pensar nele, voltou a sentir a necessidade de vê-lo. Tinha que ir; entretanto, que desculpa poderia dar para sair da casa? Se descobrissem, seu plano podia vir a baixo sem que Hunter movesse um dedo. A pesar do perigo, não tinha alternativa. Que a noite anterior não dissesse nada não significava que fosse guardar silêncio. Tinha que saber se pensava em desmascará-la.

Quando desceu para tomar o café da manhã,

descobriu que só a senhora Thorson estava sentada à mesa no terraço a que a garçonete a conduziu. A mãe de Eliot a saudou com um agradável sorriso.

— bom dia, Reba. Está melhor hoje?

— muito melhor, obrigado.

— Me alegro. Vamos, sirva-se do que quiser. Há croissants e fruta. Pedirei que tragam café recém feito, a menos que prefira chá...

— Não, café está bem — disse Reba se sentado.

— Não sei como me desculpar pelo que Hunter fez ontem à noite.

Reba não pôde evitar ficar tensa.

— Por favor, não se preocupe mais por isso. Eu já esqueci — mentiu Reba diplomaticamente —. Não acredito que nos vejamos muito.

A senhora Thorson sorriu ironicamente. — Não o conhece querida. Vem para nos incomodar. É um jovem muito desagradável.

De novo, Reba teve que fingir não conhecê-lo, embora seu coração quisesse protestar. Entretanto, não tinha alternativa. Tomou um pêssego do fruteiro e o mordeu ao tempo que olhava a seu redor. As flores eram um excesso de exóticas cores e aromas que dominavam a grama que subia para o arvoredo. Por entre as árvores, podiam ver-se as azuis águas do oceano.

— Tem uma vista maravilhosa.

— Este lugar é um de meus preferidos, e de Eliot também.

— Ainda está na cama? — perguntou Reba, consciente de que seria muito estranho que não perguntasse por seu noivo.

A senhora Thorson olhou o relógio.

— Não. Querida. Faz horas que tomou o café da manhã. Precisou sair.

— Sair? — repetiu Reba em tom de surpresa.

— OH, perdoa. Esta manhã, apressadamente, decidimos que fosse buscar Sibyl. Eleanor ia, mas, desgraçadamente, teve uma de suas enxaquecas, assim teve que ir Eliot — explicou a senhora Thorson com calma.

— Acreditei que não se davam bem — comentou, observando certo rubor nas bochechas da outra mulher.

— Tiveram uma discussão, mas somos gente de boas maneiras. Alguém tinha que ir buscá-la e, à margem do que meu filho pense de Sibyl, pedi que fosse e assim o fez. Sabíamos que não se incomodaria.

Reba pensou que era muito tarde para que se incomodasse, embora assim fosse.

— Não, claro que não — respondeu com um

sorriso seco —. Terei tempo para explorar a ilha eu sozinha, o Eliot não gosta de andar.

O sorriso da senhora Thorson se aumentou.

—Nesse caso, todos contentes. E agora, rogo que me desculpe, tenho que ir escrever umas cartas. O almoço é à uma, e é muito informal.

Reba a viu desaparecer no interior da casa e a ouviu falar com a governanta antes de tudo voltasse a sumir no silêncio. De repente, tinha se apresentado a oportunidade de chamar o hospital para perguntar por sua mãe e fazer os preparativos para a operação. Depois, iria a busca de Hunter.

Capítulo 5

Meia hora mais tarde, Reba saiu da casa. Não sabia onde vivia Hunter exatamente e não podia perguntar a ninguém; mas, em uma ilha desse tamanho, cedo ou tarde tropeçaria em sua casa.

Respirou profundamente e se dirigiu a uma estrada que, mais que estrada, era um atalho. As árvores fizeram sua marcha mais agradável, resguardando-a do sol.

Não tinha andado muito quando chegou a um cruzamento; ali, um dos caminhos conduzia às casas que havia perto do ancoradouro onde viviam os trabalhadores. O outro caminho, de frente, estava quase coberto pela vegetação.

Tomou este último, que se retorcia tanto que, em pouco tempo, Reba se encontrou completamente desorientada. Tinha começado a pensar que tinha se perdido quando dobrou uma curva e se encontrou com uma construção. Não era como as casas perto do ancoradouro nem tampouco como do estilo da família Thorson, de dois andares e branca. Era uma casa no final do caminho, parecia um grande abrigo e pedia a gritos uns acertos. Estava assentada ao pé de uma colina e a Reba pareceu abandonada.

O primeiro que pensou foi que Hunter não podia viver ali; mas, decidiu aproximar-se para certificar-se. Em um lado, tinha um terraço que dava para o mar, e rangeu estrepitosamente quando Reba entrou nela.

— Procura algo? — perguntou a suas costas uma voz zombadora.

Tomada por surpresa, Reba deu um grito.

— Nossa que par de pulmões, Reba. É uma pena que não haja ninguém por aqui que possa te ouvir — declarou essa mesma e inesquecível voz.

Em questão de segundos, do sobressaltou passou a sentir uma extrema consciência da pessoa que havia ali. Quando deu a volta, encontrou Hunter ao pé da velha escada, olhando-a fixamente. Usava a mesma calça jeans que na noite anterior, mas isso era tudo. Seus pés, igual a seu torso impressionante, estavam nus. Uma fina capa de suor banhava sua pele, e os cabelos molhados indicaram que devia ter acabado de mergulhar no mar.

— Hunter... — pronunciar aquele nome foi uma tortura e um prazer, uma mistura de gemido e grunhido.

Igual à noite anterior, não pôde afastar os olhos dele. Esse homem era tão importante para ela como

respirar. Só vendo-o sua existência ganhava uma cor diferente. Seu coração não poderia esquecê-lo jamais, por muito que sua cabeça insistisse em que era necessário.

Hunter se aproximou dela e Reba sentiu que os poros de sua pele ganhava uma nova vida. Cheirou seu perfume masculino e o sal do mar. O que mais desejou no mundo foi jogar-se em seus braços e apoiar a cabeça no ombro dele... Voltar para o lar.

— Não esperava encontrar ninguém aqui.

— Não disseram onde vivo olhos de tigre? — perguntou ele com voz rouca, acariciando sua face com seu fôlego.

— Me disseram que... Que vivia do outro lado da ilha, ao sul.

A rouca risada de Hunter atraiu a atenção dela a seus lábios. No momento, recordou em detalhe o beijo que deu na noite anterior e sua pele se arrepiou. Acaso Hunter se dava conta da reação que provocava nela apesar de não havê-la tocado? Lançou um fraco gemido e depois seus olhos se cravaram nos dele. Os do Hunter eram tão azuis... Tão frios... Sabia! Sabia exatamente o que estava fazendo a ela! Por isso tinha se aproximado tanto dela. Imediatamente, Reba se sentiu envergonhada por comportar-se como uma adolescente

apaixonada, um livro aberto para que ele o lesse.

— Não tem sentido de orientação. Isto é o sul, olhos de tigre. Tão ao sul como se pode chegar nesta ilha antes de topar-se com o mar. E como que um bom marinheiro como você pode enganar-se tanto?

— ao vê-la avermelhar, pôs-se a rir—. Não tem problema, sabia que, mais cedo ou mais tarde, viria.

— Nem sequer você pode ter essa segurança!

— exclamou ela indignada.

Hunter levantou a mão e lhe acariciou os lábios; involuntariamente, Reba fechou os olhos.

— Beijeí você... Recorda?

As suaves palavras fizeram abrir os olhos e, seu instinto de proteção, a fez sair do transe em que tinha caído.

Separou-se dele bruscamente. No que tinha estado pensando? Como tinha se colocado em uma situação tão vulnerável? O orgulho ferido a socorreu, embora muito tarde.

— Quase não posso acreditar que seja tão arrogante. Como se atreve a presumir que seus beijos são irresistíveis? Pois vou dizer algo, são asquerosos. Monstruosos!

Reba não pôde suportar a forma como aqueles olhos azuis a olharam sem titubear, diziam: “vi você, conheço você”.

— Se fosse tão asquerosos e tão monstruosos, teria evitado — respondeu Hunter certamente, recordando que os tinha aceito.

As bochechas dela se acenderam ainda mais.

— Eu teria feito isso se não tivesse me tomado por surpresa!

— Sério? Custa acreditar nisso.

Reba levou a mão à garganta.

— Pois digo que me surpreendeu. Não esperava voltar a ver você na vida!

Hunter deu um passo para ela, o que provocou uma imediata tensão nela, mas ele sorriu.

— Sim, já sei, olhos de tigre. Também me surpreendeu ver você, mas não tanto para não me dar conta de que, em vez de medo, o que vi em seus olhos foi desejo.

Nisso, Hunter se equivocava. Reba tinha sentido desejo, mas não sexual, embora é obvio o desejava. Tinha sentido desejo de seu amor e isso Hunter não tinha visto. Só tinha notado a atração sexual!

— Então jogou as garras no primo Eliot, né? Sabe que vai casar com ele só por dinheiro?

As palavras de Hunter a fizeram voltar para a realidade, à razão pela que tinha ido ali. Era isso uma ameaça?

— Eliot me ama!

— Provavelmente pense que sim, mas... Sabe que você não o ama? O amor, como nós dois sabemos muito bem, não entra em seus planos.

Aquelas palavras despertaram dolorosas lembranças.

— Vou embora, não vou escutar uma estupidez mais — gritou ela ao tempo que dava um passo para as escadas.

— Escapando, Reba? Não acredito que seja acertado. Pode ser que me decida a fazer o que não quer que faça.

Reba ficou olhando fixamente enquanto empalidecia.

— O que?

— Que diga a Eliot que é uma caçadora de fortuna. Que também tinha tentado comigo, quando achou que tinha dinheiro — respondeu Hunter com um preguiçoso sorriso.

Reba fechou os olhos, incapaz de ver a expressão de brincadeira dos olhos dele. A dor quase impedia de respirar.

— Mas você tinha. Por que não me disse que tinha dinheiro?

Hunter se pôs a rir com ironia.

— O que esperava que dissesse que era rico

depois de me confessar que estava procurando um marido com dinheiro?

Uma profunda dor se apoderou dela.

— E o iate? Não parece que já não há perigo de que me conte isso tudo?

— Levei ele ali para fazer um favor a um amigo, depois de fazer umas reparações. Sabia que este amigo ia emprestar ele a sua agência, embora não me tinha ocorrido oferecer meus serviços. Algo me fez mudar de idéia — concluiu ele clinicamente.

Não algo, a não ser alguém.

— Compreendo.

— Sério? Estava toda a vida te esperando, olhos de tigre. Não tenho feito mais que tirar mulheres de cima que me queriam só por meu dinheiro. Então, apareceu você e acreditei que era a mulher que poderia me querer por mim mesmo. Por pouco não caio no engano, escapei por pouco.

— Vai fazer o que?

Os olhos azuis de Hunter brilharam maliciosamente.

— O que? Dizer a Eliot? Ainda não decidi. Talvez, se ficar e conversamos, poderá me ajudar a decidir o que fazer.

Hunter sabia também como ela que ficar era o último que Reba queria, mas a ameaça não deu

opção.

— Não sabia que era parente de Eliot até alguns dias — explicou ela, que precisava romper o silêncio.

Hunter se pôs a rir.

— Acredito. Se soubesse, não teria optado por ele.

Ela olhou para ele furiosa.

— Quer deixar de dizer coisas assim? Eliot não é uma presa.

Hunter arqueou as sobrancelhas.

— Então, o que é? O amor de sua vida? Não, não, pobre de mim... Sua presa era eu!

Reba respirou profundamente. Por dentro, chorava.

— Nunca quis fazer mal a você — disse Reba com voz rouca.

Mas Hunter a interrompeu.

— Não, só queria meu dinheiro. Quando acreditou que não tinha nada, esqueceu-me imediatamente — declarou olhando-a com expressão gélida.

— Isso não é verdade! — protestou Reba traindo-se, mas ele não pareceu perceber.

— É gracioso, não te vi correr atrás de mim para me expressar seu amor. Embora, se o tivesse feito,

não teria acreditado como tampouco acredito agora. Acredito recordar que disse que não sabia o que é o amor e continuo pensando que ainda não o descobriu.

Se a intenção do Hunter era feri-la, estava conseguindo.

— Descarado!

Os olhos dele brilharam pelo prazer da vitória.

— Acreditava que ia amar você o resto de minha vida, Reba?

“por que não? Eu sempre o amarei!”

Mas, em vez de dizer isso Reba sacudiu a cabeça e tentou manter uma aparente calma.

— Não parece ter sido muito difícil se esquecer de mim! Algo na expressão dele indicou que não ia gostar da resposta.

— Talvez se deva a algo que disse olhos de tigre.

Reba baixou as pálpebras.

— Deve me odiar muito.

— odiar você? Sinto muita indiferença para te odiar, Reba — respondeu ele com voz fraca.

Para evitar começar a chorar, Reba elevou o queixo com gesto desafiante.

— Isso é o que quer vingança?

— Poderia me vingar dizendo a Eliot quem e o

que é, não acha?

Reba apertou os dentes.

— Está se divertindo muito, não é mesmo?

— Devo admitir que tem sua graça.

— meu Deus, é insuportável! Vai prolongar isto tudo o que puder?

Os dentes de Hunter, muito brancos, brilharam quando sorriu maliciosamente.

— Fascina-me a idéia de ver uma caçadora de fortunas tentando pescar outro.

Reba fechou a mão em um punho, impotente, como se tivesse se dado conta de quão fácil seria odiá-lo. Talvez isso era o que devia fazer. Mas, não podia, e lutou como melhor soube.

— Vejo por que não gosta da sua família! Hunter arqueou as sobrancelhas.

— Seus motivos são muito diferentes dos seus, e duvido muito que tenham revelado isso.

— E eu entendo que não se incomodem em falar de você — respondeu ela, provocando as gargalhadas dele.

— É a forma que têm de esquecer-se de que existo enquanto tentam encontrar o modo de desfazer-se de mim.

Ao ver a expressão de incredulidade dela, Hunter acrescentou:

— Não permanentemente, só da ilha. Sou muito importante para eles... Em qualquer outra parte.

Em um intento por dissimular sua reação ao acreditar por um momento que a família Thorson podia querer lhe fazer mal físico, Reba olhou a seu redor. Os sinais de decadência que viu a seu redor lhe deram uma oportunidade.

— Não é possível que viva aqui. Isto é pior que um barraco! — não era, mas parecia um lugar perigoso.

— A beleza depende dos olhos com que se olhe. Para mim, é um lugar perfeito. É minha herança. Fui concebido aqui e meu avô me deixou isso quando morreu. Ele teria deixado a minha mãe, mas ela já tinha morrido fazia anos, antes que meu pai pudesse casar-se com ela... Se é que pensou em fazer isso. Sempre lhe dava o benefício da dúvida. Minha mãe era a irmã do pai de Eliot, e isso é o que não o perdoavam. Embora socialmente se aceita aos filhos bastardos, minha família não flauta ter um a seu lado.

Reba estava a ponto de dizer que isso não importava, mas se deu conta de que para Hunter daria o mesmo.

— Talvez não os incomodasse se arrumasse um pouco este lugar.

— Quer dizer pôr do estilo dessa monstruosidade colonial em que vive minha família? Nem pensar, eu gosto assim. Além disso, vivi em lugares piores.

Reba enrugou o nariz.

— É difícil imaginar um lugar pior que este — declarou com desdém —. Nenhuma mulher, em seu são julgamento, consideraria seriamente a possibilidade de vir aqui a viver com você.

— Faria isso se me amasse.

A resposta a destroçou, e a resposta, a sua vez, foi um puro ato reflito.

— Eu jamais vou implorar amor!

Quando se deu conta do significado de suas próprias palavras, olhou para ele com expressão perplexa. Viu que os olhos dele se endureceram dramaticamente.

— Não, mas não se importa de se prostituir por dinheiro, não é, Reba?

— Não estou fazendo isso!

— Não? Não vendeu o coração, mas sim o corpo. Entrega seu corpo em troca da riqueza de Eliot. Você pode chamar como quiser, mas eu a isso chamo de prostituição.

As palavras dele a assustaram, deixando-a perdida no mar de seu desprezo. Isso era

exatamente o que Reba estava fazendo, prostituir-se. Entretanto, não era por avareza, e sim por necessidade. Embora tentasse explicar do que serviria? Não conseguiria recuperar assim seu amor nem evitar seu casamento com o Eliot. Tinha dado sua palavra e Eliot não merecia que o fizesse mal.

Surpreendeu ao sentir os dedos de Hunter em seus braços. Sobressaltou-se.

— Tem uma pele muito suave, mas um coração de pedra — declarou ele em tom insolente, em um tom que dizia que podia tocá-la cada vez que desejasse muito.

Imediatamente, Reba fez gesto de afastar-se, mas Hunter impediu ao capturar sua mão. A elevou e então viu o anel.

— Nossa! Esta com uma pedra bruta deve ter feito algo espetacular para ganhar este anel.

Reba conteve a respiração depois de semelhante insulto. .

— Me dá vontade de matar você, Hunter! Sabe perfeitamente que é meu anel de noivado! — desta vez, conseguiu soltar-se.

Hunter sorriu maliciosamente, como um lobo.

— Não seja tão modesta, olhos de tigre, sei... Quão espetacular pode ser — declarou em tom zombador.

Os esforços dele por destruí-la a fizeram reagir, agüentar a briga.

— Nunca o tinha considerado por esse ponto de vista, mas acredito que tem razão. É um anel precioso.

— Não por ser uma pedra bruta grande é bonito — disse Hunter já sem humor.

— Diz isso porque é o anel de Eliot, não o seu — espetou.

Hunter sacudiu a cabeça.

— Jamais daria um anel assim a uma mulher porque ela não necessitaria para saber a quem pertence. Daria amor, a jóia mais preciosa. O único que esse anel diz é: “Olhe quanto dinheiro tenho!”

Os olhos de Reba ficaram felinos.

— Isso é o que você pensa. Em minha opinião, este anel diz que Eliot me ama!

De repente, Hunter não pôde dissimular sua fúria.

— Mede o quanto a ama pelos presentes que recebe dele? Quanto valem, em termos de carinho, estes brincos?

Hunter tocou sua orelha, recordando os diamantes que usava.

— Não me toque!

— Quer dizer que, a menos que pague não

devo tocar em você, olhos de tigre? Eliot não tem nem idéia do que o espera. Uma esposa fiel enquanto siga recebendo presentes, não é verdade? — com suma rapidez, Hunter tomou pelos ombros—. Não sabe o que é amor. O único sabe é isto...

Reba tentou escapar dele, mas Hunter era muito mais forte. Apoderou-se de sua boca, tomou posse de seus lábios com uma mestria que Reba não tinha esquecido. Mas onde tinha havido ternura, agora só ficava amargura. Já que conhecia seus gostos, usou para enfraquecê-la, mordiscando-a e acariciando-a com a língua, fazendo-a tremer.

Reba tentou resistir, mas estava perdida. Não tinha defesa contra aquele corpo duro e varonil que a estreitava. Começou a sentir um comichão no ventre e a angústia produziu um nó na garganta. Hunter era como parte de si mesma, e desejava entregar-se a esse desejo.

Quando Hunter interrompeu o beijo, Reba jogou a cabeça para trás, permitindo o acesso a sua garganta enquanto as mãos dele afastavam a malha de algodão que a cobria para acariciar a suavidade de seus seios. Instintivamente, Reba se arqueou para depois tomar a cabeça e atraí-la para si com o fim de que a boca dele se apoderasse de seus mamilos.

A língua de Hunter em seus seios a fez gritar de prazer. Estava em seu poder, tinha perdido a vontade.

Hunter separou a cabeça e a olhou com desejo.

— Não sei o que te dará meu primo, mas não satisfaz este teu corpo.

As bochechas dela se acenderam de ira.

— Maldito seja! — murmurou ela ao tempo que voltava a cobrir os seios com a blusa—. Esta enganado, Eliot me dá toda a paixão que necessito.

— Lembro, olhos de tigre. Esquece que, ontem à noite, quando me viu, seus olhos não puderam me ocultar o desejo que sentiu. O dinheiro é um pobre substituto da paixão, Reba.

— Talvez, mas vou me casar com ele.

Hunter se endireitou.

— Se tiver pensado que vou permitir que se case com meu primo, esta enganada — observou Hunter friamente.

Aquela declaração quase a deixou sem respiração.

— O que quer dizer?

Hunter sorriu zombeteiro.

— Ouviu o que quis dizer? Por mal que nos levemos, Eliot é meu primo, é meu parente. Se pensar que vou sentar a ver como o destrói, é que

não me conhece.

Presa do pânico, Reba engoliu seco.

— O que vai fazer?

— Exatamente o que pensa que vou fazer.

Reba tinha que proteger a sua mãe a todo custo.

— Há algo que...? Não poderíamos chegar a algum tipo de acordo? — perguntou com voz rouca.

A expressão de Hunter era de absoluto desdém.

— Está tentando me subornar, Reba? Está me oferecendo seus favores em troca de meu silêncio? Deve estar realmente desesperada!

Reba jamais se havia sentido tão humilhada.

— Maldito seja, Hunter! — gritou com voz afogada.

No momento, dirigiu-se aos degraus. Quando alcançou o último, voltou a cabeça e o viu observando-a com olhos de predador.

— Ainda não disse que foi um verdadeiro prazer voltar a ver você, não é, olhos de tigre?

— Não acredito!

Um pequeno sorriso curvou os lábios dele.

— Antes não tinha tanto gênio, Reba. Acaso se deve a sua frustração?

Reba não respondeu. Afastou-se correndo dali como se o diabo a perseguisse. Hunter a viu

desaparecer. Depois, olhou o objeto que tinha na mão: um pequeno brinco com um brilhante.

Capítulo 6

Reba retornou à casa com a respiração entrecortada e os cabelos revoltos... E com a lembrança do encontro com Hunter. A única coisa que queria era refugiar-se em seu quarto para chorar suas magoas. No entanto, ao cruzar o vestíbulo, ouviu que a chamavam. Soltou um suspiro e se dirigiu à sala de estar.

Quatro cabeças se voltaram em sua direção, cada uma com diferente reação. Eliot parecia surpreso; Eleanor, perplexa; a senhora Thorson mal arqueou as sobrancelhas; o quarto membro do grupo tinha uma expressão de preocupação.

— meu Deus, Reba, o que esteve fazendo? Tem um aspecto desastroso! — declarou Eliot com horror.

Sua fuga, que não podia chamar-se outra coisa, tinha sido bastante acidentada, inclusive tinha caído no chão e ainda tinha a roupa coberta de pó.

— Não seja ridículo, Eliot! — exclamou a nova convidada com uma voz tão suave como fria —. É evidente que caiu. Aconteceu alguma coisa com você?

Reba contemplou aquela formosa jovem que devia ser Sibyl. Só estava segura de uma coisa, que a

preocupação da nova convidada não era fingida. Portanto, ela não era a causa dos problemas que pudesse haver entre Sibyl e Eliot. Aliviada, Reba sacudiu o short.

— Não muito. Fui dar um passeio, mas me cansei. O único que ficou prejudicado foi meu orgulho — explicou Reba, convidando Sibyl a que risse com ela, coisa que esta fez imediatamente.

— Deixemos de lado o orgulho, embora só seja por uma vez! Eu também já levei alguns golpes na vida. É estranho como as pessoas reagem de formas tão diferentes, não é, Eliot?

Junto à janela, Eliot ficou tenso.

— O que é que quer dizer exatamente? — perguntou Eliot que, para surpresa de Reba, avermelhava.

Seu torturador encolheu os ombros.

— Nada, a menos que ocorra a você algum significado.

Ao ver que a batalha estava começando, Eleanor decidiu acalmar os ânimos.

— Demorou muito, Reba. Esperávamos você para o almoço.

Reba franziu o cenho, tinha esquecido seus próprios problemas temporariamente. Era evidente que, no passado, algo tinha acontecido entre Sibyl e

Eliot. Tendo em conta que Eleanor sabia, era ela quem tinha convidado à outra mulher e agora tratava de pacificar a situação.

—Sinto muito. Tinha a impressão de que Eliot ia passar fora a maior parte do dia — respondeu Reba, recebendo da senhora Thorson um sorriso de desculpa que pareceu autêntico.

—voltaram muito antes do que esperava querida. Normalmente, Eliot almoçou antes de retornar.

—Tinha pressa por voltar para seu lado. Não é assim, Eliot? — acrescentou a recém chegada com voz doce.

Eliot apertou a mandíbula.

— Estou avisando Sibyl, fique quieta!

Sibyl se pôs a rir, embora Reba notasse que a risada não chegava aos olhos.

—Vêem, vou te apresentar Sibyl, Reba — interpôs a senhora Thorson.

Sibyl Haggerty se levantou para saudar a Reba com um amistoso sorriso. Era jovem, uns vinte anos, e possuía esse tipo de encanto que, com a maturidade, se transformaria em autêntica beleza. Seus olhos eram amáveis e Reba gostou imediatamente.

—Eliot tinha razão, é muito formosa —

declarou Sibyl Sorrindo—. Alegro-me de saber que vão se casar.

Instintivamente, Reba olhou para Eliot para ver sua reação, e não se surpreendeu vê-lo avermelhar. O que estava acontecendo?

—Você também é encantadora, Sibyl — declarou a senhora Thorson com carinho—. Não acha Eliot?

Eliot não respondeu e Sibyl pôs-se a rir antes de comentar:

—O problema com o Eliot é que não pode deixar de lembrar como uma colegial tola que estava embevecida com ele — brincou Sibyl olhando para Reba—. Não gostou que crescesse e deixasse de adorá-lo como a um herói.

Então... Era isso? Sibyl tinha crescido e descobriu outros homens, e Eliot se sentiu desprezado?

—Tenho entendido que estive na Europa — comentou Reba para mudar a conversa.

Sibyl sorriu maliciosamente.

—Minha mãe achava que os franceses tinham muito estilo.

—Também se diz que são os perfeitos amantes, ou não vai nos dizer isso, Sib? —perguntou Eliot com malícia.

As quatro mulheres ficaram olhando. Foi Sibyl a primeira em reagir.

— Nunca beijo e depois conto, Eliot. Se começasse, pode ser que nunca acabasse.

— Reba, querida, quer que peça algo para comer? Deve estar faminta — interveio a senhora Thorson apressadamente.

Reba negou com a cabeça, estava confusa pelo que acontecia.

— Não se incomode. Prefiro ir a meu quarto a me lavar e trocar de roupa. Eliot tinha razão, tenho um aspecto horrível.

— Como quiser querida; de qualquer modo, pedirei que lhe preparem uns sanduíches e café — decidiu a senhora Thorson.

— Eu subirei com você, Reba — disse Sibyl imediatamente —. Tenho que recolher uma coisa em meu quarto.

Reba se deu conta de que se tratava de uma desculpa, mas não recusou a jovem. Podia ser interessante escutar o que tinha que dizer. Cruzaram o vestíbulo e, quando subiam as escadas, Sibyl, por fim, esclareceu-se garganta.

— Eu gosto de seu nome. É bastante exótico, como você — declarou com voz nervosa.

— Pode ser que não seja tão exótica como

pareço. Sibyl pôs uma mão no braço e ambas pararam. Seu bonito rosto tinha adquirido uma expressão séria.

— Conhece o Eliot há muito tempo?

Reba franziu o cenho ligeiramente.

— O conheci faz uns meses, por quê?

A outra mulher pareceu titubear antes de continuar.

— Isto é mais difícil do que pensei. Bom, que demônios, o que quero saber é se esta apaixonada por Eliot.

Reba não tinha esperado uma coisa assim e vacilou antes de responder.

— Devo estar... Já que vou casar me com ele — respondeu incômoda.

Sibyl lançou uma irônica gargalhada.

— Acha que estou ciumenta, não é verdade, Reba? Mas não estou, você me caiu bem. A única coisa que queria dizer é que... Não deixe que o encanto dele a engane. Se estiver segura de que quer se casar com ele, não o deixe brincar com você. Sério, espero que sejam felizes, digo isso de verdade.

Com isso, deu meia volta, subiu correndo os degraus que faltavam, e desapareceu pelo corredor.

Reba franziu o cenho. Justo o que necessitava!

Primeiro Hunter havia dito que não se casaria com o Eliot; e agora, essa jovem tinha dado uma séria advertência.

Quando entrou em seu quarto, fechou a porta e suspirou. Tudo estava saindo errado. Que estúpida tinha sido ao pensar que Hunter a deixaria em paz. Não tinha ocorrido que ele fosse tentar impedir seu casamento... E ela devia impedir. Já havia dito que sim aos preparativos da operação para sua mãe, era questão de semanas. O que faria se...? Não, tinha que deixar de pensar nisso no momento. Dirigiu-se à cômoda para tirar os brincos antes de tomar uma ducha. Levou a mão à orelha E... Deixou-se cair na poltrona. Faltava um brinco. Hunter havia puxado sua orelha para vê-los E...

Nesse preciso instante, alguém bateu na porta. Antes de ter tempo para responder, Eliot entrou no quarto e fechou a porta rapidamente. Não gostou da intromissão, mas recordou que Eliot logo teria o direito de fazer isso e mais. A idéia a fez tremer. Só tinha permitido um homem e, por absurdo que parecesse, sentiu-se como se estivesse o traindo ao deixar que Eliot ocupasse seu lugar.

Em consequência, suas palavras foram frias.

—Estava a ponto de entrar no banheiro para tomar banho, Eliot — informou enquanto ficava em

pé.

— Não vou interromper muito tempo. Só queria me desculpar por ter sido tão brusco — Eliot foi abraçar ela, mas ela o esquivou —, Está certa de que esta bem?

— Encontro-me perfeitamente bem. Preciso apenas de um banho.

— Ótimo querida. Eu... Esteve falando com Sibyl?

— Sim — admitiu.

— O que disse? — perguntou ele aproximando-se da janela.

— Nada importante coisas de garotas. O que acha que pôde me dizer Eliot? — desafiou em tom suave.

Mas viu que seu corpo ficava tenso.

— Nada — respondeu com uma gargalhada nervosa—. O que passa é que Sib tende a exagerar às vezes. Não é aconselhável acreditar sempre no que diz.

— Terei isto em conta — respondeu Reba, embora notasse que voltava a avermelhar.

Como se tivesse dado conta de que tinha cometido um engano tático, Eliot passou a mão pelo cabelo.

— Não deveriam tê-la convidado — disse

irritado—. Deviam ter me consultado antes, não estaria aqui!

Reba não duvidou nem por um instante. A pergunta era: por quê?

— Bom, é amiga da Eleanor, assim duvido que a veja muito.

Com um profundo suspiro, Eliot se aproximou. E a abraçou.

— Tem razão, querida. Seu sentido comum nunca falha. Não me admira que a ame tanto.

Então, beijou-a com paixão, mas não conseguiu excitá-la como tinha feito o beijo de Hunter, e Reba teve que lutar contra a lembrança. Por sorte, Eliot não pareceu notar isso, porque, quando a soltou, sorriu.

— É maravilhosa. Enfim, será melhor que a deixe tomar banho — declarou ao tempo que se dirigia à porta—. A propósito, não tropeçou com ninguém durante o passeio?

— Não, só com borboletas e com pássaros.

Eliot assentiu.

— Muito bem. Nesse caso, até dentro de um momento — depois da promessa, desapareceu do quarto.

Reba ficou olhando a porta com expressão ausente. O que tinha acontecido entre o Eliot e

Sibyl? E por que ela mesma se sentia alarmada? Havia problemas por toda parte.

Fazia calor e era tarde, mas Reba nem sequer pensava em se deitar. Fazia muito calor para dormir. Depois daquela estranha noite, em que todos representavam um papel, subiu para seu quarto. Eliot tinha permanecido a seu lado, mas não tinha deixado de observar Sibyl.

Quando saiu da banheira depois do banho de água fria, secou-se e vestiu uma delicada camisola de seda, embora Reba não tinha nada que celebrar. Não podia esquecer a ameaça de Hunter nem tampouco um noivo que, cada vez, comportava-se de forma mais estranha. Se por acaso fosse pouco, começava a lhe doer a cabeça. Dando um suspiro, apagou a luz, saiu para o quarto e, bruscamente, parou seus passos.

Sentado na cama, Hunter percorreu seu corpo com os olhos sem que Reba pudesse fazer nada por evitar responder a semelhante exame sensual.

— Está muito bonita — murmurou ele com voz rouca.

— O que está fazendo aqui, Hunter? — perguntou em tom exigente, apesar de que sua voz tremeu.

Ele estava vestido com sua inseparável calça

jeans, embora, desta vez, usava uma camiseta preta sem mangas e calçado com um chinelo.

Hunter sorriu ironicamente.

— Neste momento, estou desfrutando da vista. É um prazer te olhar, Reba.

— Tenho apenas que gritar para que a família inteira venha aqui. O que acha que fariam se o encontrassem em meu quarto?

Hunter deu uma gargalhada.

— Se acha que Eliot vai defender sua honra, olhos de tigre, vai sofrer uma desilusão. Além disso, nos dois sabemos que não vai se pôr a gritar.

— Tão seguro está?

— Vamos, não penso impedir isso vejamos o que diz o primo Eliot e a tia Helena quando disser que vim para devolver isto — disse mostrando o brinco com um brilhante —. É obvio, vão querer saber como é que o tenho. Embora, se já contou que esta manhã foi me fazer uma visita, não tem do que se preocupar.

Os olhos dele a imobilizaram desafiando-a. Reba ficou olhando tanto tempo como pôde; mas, por fim, baixou as pálpebras.

— Maldito!

— por que não vem aqui e se senta comodamente enquanto conversamos? —sugeriu

Hunter dando umas palmadas na cama.

Reba estava a ponto de perder os nervos. Sentar-se na cama a seu lado? Devia estar brincando! Seria como auto destruir-se.

— Se tiver vindo para me devolver o brinco, dê-me e vá embora. Não temos nada do que falar.

Hunter arqueou as sobrancelhas.

— esqueceu a questão de seu casamento com Eliot?

— Não, não esqueci. Tive tempo para pensar e sei que não vai dizer nada porque, embora fosse uma caçadora de fortunas, Eliot jamais acreditaria uma palavra de você — respondeu ela triunfalmente.

— Está disposta a correr o risco?

Reba sentiu um aperto no coração.

— Conheço Eliot! — exclamou, esquecendo as dúvidas que tinha com respeito a ele.

Hunter se levantou da cama com movimento felino e se aproximou dela.

— Ótimo. Nesse caso, sabe como reagiria quando lhe disser que fomos amantes. E também penso em falar isto... — declarou Hunter enquanto punha a mão na parte superior da coxa esquerda —. Um lugar muito interessante para ter um sinal.

Reba lançou um gemido.

— Não faria uma coisa assim! — exclamou ela fracamente.

Hunter sorriu.

— Não, tem razão, não farei isso. Não se preocupe olhos de tigre, não vou dizer nada a Eliot. Vai fazer isso você mesma.

Reba empalideceu imediatamente.

— O que?

— É muito simples. Ou diz você a sua maneira, ou digo eu à minha. Pode ficar bem se disser que mudou de idéia; entretanto, se deixar para mim, contarei de nós.

Em qualquer caso, Reba se viu perdida.

— Não pode falar a sério! Não me dá nenhuma alternativa!

A expressão de Hunter se endureceu, tornou-se ilegível.

— Pensa o que quiser, mas se decida. Não vai se casar com Eliot.

Reba não podia acreditar que tivessem chegado a esse extremo.

— Como cheguei a me apaixonar por você?

Não se deu conta do que acabava de dizer até que Hunter respondeu com voz de aço.

— Nunca me amou, Reba, apaixonou-se pelo que acreditava que eu tinha. Não deveria ter

brincado comigo, olhos de tigre, e tampouco deveria ter voltado a se aproximar de mim. Tudo se paga nesta vida... De uma forma ou outra —ele disse friamente.

E o sangue dela gelou.

— Está decidido a cobrar tudo, não é mesmo?

Hunter se pôs a rir.

— Animo querida, tudo tem suas vantagens.

Ela o olhou com expressão incrédula.

— O que... Quer dizer?

— Eu ficarei com você.

Durante um momento, Reba acreditou que ia desmaiar.

— O que disse? — perguntou automaticamente em busca de tempo para recuperar-se, embora tinha ouvido perfeitamente.

— Eu disse que ficarei com você. Não foi só você quem sentiu desejo ontem à noite, olhos de tigre. Ninguém vai saciar seu desejo até que eu faça, até que me sacie de você. Quero ter você em minha cama outra vez e estou disposto a pagar por esse privilégio. Não com o casamento, mas posso dar todo o dinheiro que sua avareza necessite.

Não havia limite ao dano que queria causar? Com um grunhido de desagrado, Reba se separou dele.

— Não é possível que pense que aceitaria me transformar em sua amante!

— Essa é minha oferta, ou toma ou deixa.

— Antes não foi tão cruel!

Os lábios dele se curvaram em um cínico sorriso.

— Não tinha o prazer de conhecer você. Dizem que as mulheres podem fazer os homens mudar; certamente, as más chegam a operar milagres.

— Eu não sou má! — protestou Reba com voz afogada.

— Em algumas coisas, é muito boa. Por isso não entendo o que está acontecendo, você gostava de fazer amor comigo.

— O que propõe não seria amor, e sim sexo! Hunter se aproximou dela e a pegou pelos pulsos e passou os dedos pelo rosto.

— Chama como quiser, o resultado é o mesmo. Ou é que esqueceu? Talvez deveria fazer você recordar — disse isso enquanto acariciava sua garganta.

-Não!

Foi tudo o que Reba pôde dizer antes de ver-se sumida no mundo dos sentidos que Hunter a arrastou com seu beijo.

Ele tinha apenas que tocá-la e Reba ardia de

paixão. Nenhum homem tinha provocado jamais uma reação assim nela. Enquanto a língua dele prosseguia sua erótica dança, os seios dela procuraram suas carícias.

Por fim, com um gemido de prazer, Reba sentiu as mãos dele em seus eretos seios seios, moldando-os, beliscando-os, acariciando-os... Ao mesmo tempo, a boca dele abandonou a sua e a olhou nos olhos.

Esse olhar, desafiante, fez ela se afastar dele para sua liberdade.

— me deixe!

Mas Hunter a seguiu. — Não diz a sério.

— Sim, digo a sério!

Zangada, Reba quis escapar, mas Hunter a segurou, apertando-a contra si, as costas coladas em seu peito.

— Não, não é verdade. Seu corpo desmente. Somente tenho que fazer é tocar você ...

Apoderou-se de um seio dela e administrou umas carícias circulares. Ela jogou a cabeça para trás, até apoiá-la em seu ombro.

— E é minha — declarou ele acariciando a nuca com a boca.

Reba fechou os olhos incapaz de negar. Hunter a conhecia, não podia esconder-se dele.

— me solte Hunter — sussurrou Reba com voz quebrada.

— Ainda tem que responder sim ou não. Nesse momento, Hunter a soltou e ela se voltou para ele.

— Por muito mal que tenha feito, Hunter, não mereço que me trate assim — declarou ela com a dignidade de que foi capaz.

Hunter arqueou uma sobrancelha enquanto se separava dela.

— Me fazer mal? Só machucou meu orgulho. Não estou acostumado que me recusem, acredito que nenhum homem se acostuma com isso.

— Dada a opinião que tem de mim, supunha que estaria contente de ter escapado — disse ela com amargura.

— Estou contente de ter escapado de suas garras. Mas, continuamos nos desejando, Reba, tanto como antes. Não tente me fazer acreditar que seria difícil para você se deitar comigo.

Reba não necessitava que a recordassem que a violenta atração que sentia por ele era muito forte para poder lutar contra ela. Não podia negar que o desejava, mas também o amava.

Olhou-o, inconsciente da profunda tristeza que seus olhos refletiam.

— você mudou Hunter.

— Deveria estar orgulhosa do que conseguiu, Reba. Agora já há um homem ingênuo a menos no mundo.

— Será melhor que vá. Ele sorriu.

— Sim, vou, mas voltarei. Não esqueça o que eu disse. Dou a você trinta e seis horas para que me responda; depois, irei falar com Eliot.

Capítulo 7

— Por que não enviamos um recado a Jacob para que prepare o iate? Estaremos muito mais refrescados no mar — declarou Eleanor durante o café da manhã, na manhã seguinte.

Apesar de ser cedo, a atmosfera na ilha parecia uma sauna.

— É uma idéia maravilhosa. Vem também, Reba? — disse Sibyl imediatamente.

Reba teve que admitir que um dia navegando seria perfeito para ela. Precisava afastar-se da ilha e da possibilidade de se encontrar com Hunter. Tinha-lhe dado trinta e seis horas, e as necessitava para tomar uma decisão. Inclusive podia ocorrer algo para evitar o desastre.

— Eu adoraria — respondeu ela sem vacilar.

— E você, Eliot? — perguntou Eleanor voltando-se para seu irmão.

— Eliot não gosta de navegar — respondeu Sibyl por ele.

Reba encolheu o coração, sabia que devia ficar com o Eliot.

Mas, Eliot sorriu e, surpreendentemente, respondeu:

—Se a Reba gosta de navegar, irei com ela — declarou ao tempo que tomava sua mão e a estreitava.

Sibyl jogou a cabeça atrás e riu.

— Não é incrível o que o amor chega a conseguir? Jamais teria sido tão valente comigo.

Não, pensou Reba enquanto se perguntava por que Eliot tinha decidido acompanhá-la. De repente, uma suspeita se apoderou dela: Eliot não ia navegar para acompanhá-la, mas sim porque não queria perder de vista Sibyl. Imediatamente, pareceu injusto pensar isso. Eliot não tinha a culpa da confusão em que ela se encontrava e, até que não rompesse seu noivado, Eliot seguia sendo seu noivo e merecia sua lealdade.

Nesse momento, Eliot ficou em pé.

—Tampouco quero perder o tempo aqui. Vou falar com o Neville.

Imediatamente, foi em busca do mordomo.

— Quer vir conosco, tia Helena? — perguntou Sibyl.

—Não, querida. Vocês, jovens, estarão mais a gosto sem mim. Além disso, assim terei tempo para minhas coisas. Farei que preparem almoço para que possam passar o dia por aí.

Todos abandonaram a mesa e foram a seus

quartos para se prepararem.

Reba não levou muito tempo para por um biquíni debaixo do short e da camisa; depois, pegou sua bolsa e meteu nela o resto do que necessitava. Estava saindo de seu quarto quando ouviu um grito seguido do ruído de alguém cair. Chegou a tempo para ver a Eleanor no chão ao pé das escadas.

— Espera, agora mesmo ajudo você — gritou Reba correndo escada abaixo —. Esta machucada?

— O tornozelo. Torci, embora só tenha caído nos três últimos degraus — explicou Eleanor ao tempo que fazia um gesto de dor.

Reba a ajudou a chegar à cadeira mais próxima e se ajoelhou para examinar o tornozelo. Estava inchado já.

— Parece que deslocou.

— Maldição. Isso significa que nada de navegar hoje para mim.

Sibyl chegou junto a elas nesse momento.

— Não se preocupe, ficaremos com você. Há muitos mais dias para navegar. Não acha Reba?

Antes que Reba pudesse responder, Eleanor interrompeu.

— Não seja tola, devem ir. Não tem sentido que fiquem aqui só porque fui tão tola para cair e torcer o tornozelo. Vou ler e vocês irão navegar.

Eleanor não cedeu e, no final, Reba e Sibyl se deram por vencidas e, por fim, Eliot as levou ao ancoradouro.

Apesar do mau começo, Reba estava excitada diante a idéia de passar um dia no mar. Não navegava desde... Rapidamente, negou-se a recordar. Não queria pensar em Hunter nem em seu ultimato.

— Garotas, vão na frente enquanto eu recolho a cesta da comida — sugeriu Eliot quando chegaram.

No momento em que se aproximaram do iate, viram um homem a bordo. Seu tamanho e sua figura fizeram que Reba se detivesse. Não podia ser! Nesse momento, Hunter elevou a cabeça e as saudou com a mão. Entretanto, com o Eliot já a suas costas, teve que seguir avançando. A seu lado, Sibyl deu um grito de prazer e pôs-se a correr para o barco.

— Hunter! O que está fazendo aqui?

Hunter saltou ao ancoradouro e os dois se abraçaram com risadas de alegria. Reba não pôde evitar um ataque de ciúmes, seguido de desespero. Pareciam felizes juntos.

A suas costas, a reação de Eliot a pegou de surpresa.

— Que demônios acontece aqui? Solta ela,

Hunter! Não parece capaz de não tocar o que não te pertence!

Sibyl pareceu a ponto de responder, mas Hunter apertou um braço e, quando a soltou, avançou para o Eliot.

— Só pode ser noivo de uma mulher, primo; e, por isso sei, essa mulher é Reba — assinalou zombadoramente, olhando para Reba, que estava paralisada.

Imediatamente, Reba sentiu uma mistura de angústia e aborrecimento. O que Hunter estava fazendo ali? Tinha-lhe dado trinta e seis horas.

— Sibyl é nossa convidada e está sob minha proteção! — respondeu Eliot irritado.

Hunter o olhou de acima a abaixo.

— Entendo, sei de sobra quão protetor pode chegar a ser!

Reba viu que Eliot empalidecia imediatamente.

— Que demônios está fazendo aqui, Hunter? E o que estava fazendo em meu iate?

Como se tivesse esperado essas perguntas, Hunter sorriu.

— Estou preparando as velas para navegar. Não era isso o que queria?

Eliot avermelhou.

— Onde está Jacob?

—Jacob esta com uma ferida em uma mão e não pode correr o risco de que se infeccione. E como eu não tinha nada que fazer hoje, me ofereci para ocupar seu posto. Assim... Quer continuar perdendo o tempo ou subir a bordo?

Sibyl olhou a seu redor e depois tomou a mão de Hunter.

—Claro que vamos subir a bordo, e agora mesmo.

Em questão de segundos, Sibyl estava na cobertura do iate.

Reba ficou olhando Hunter com furiosa impotência.

— E então? — perguntou Hunter olhando para Eliot.

—Toma isto e me deixe saltar a bordo — respondeu Eliot mal-humorado.

Hunter, nu de cintura para acima e descalço, recolheu a cesta da comida que seu primo lhe deu e saltou ao iate sem nenhum esforço. Seus olhos azuis se cravaram em Reba, que estava quieta no ancoradouro.

— Vem?

Depois de avançar um passo, Reba aceitou a mão que ele estendia.

— Se naufragarmos, te salvarei — disse ela. —

Conhece Hunter? — perguntou Sibyl à parte, tirando proveito de seu devaneio. Reba ruborizou imediatamente. — Hunter?

— Sim, Hunter. Estava olhando para ele de uma forma muito estranha. Pensei que talvez o conhecesse.

Reba conseguiu encolher os ombros. — Eu o vi na outra noite, embora não tenha sido um prazer. Sibyl parecia divertida.

— O mais seguro é que atirasse os discos, embora fosse para irritar Eliot.

Reba lançou uma forçada gargalhada.

— Hunter parece ter muito carinho por você — comentou ao recordar o encontro.

A expressão de Sibyl mostrou ternura.

— O conheço desde que era pequena. Hunter é um sujeito incrível, o tipo de homem que sempre ajuda quando se tem problemas. Algo que não fazem muitos — Sibyl olhou em direção aonde tinha estado Eliot, que agora tinha desaparecido no camarote.

Reba se sentiu como se ela fosse a única na escuridão. Inclusive Hunter parecia saber o que acontecia, e estava claro de que lado estava.

— por que Eliot esta sempre implicando com você?

Sibyl ficou tensa.

— Não importa por que implica comigo, enquanto esta com você — respondeu a jovem.

— por que Eliot não quer que Hunter a toque?

Sibyl tomou sua bolsa e esboçou um sorriso formal.

— Isso terá que perguntar a ele. Bom, vou ao camarote trocar de roupa. Vem?

A conversa acabou, deixando Reba insatisfeita. Mas, tinha seus próprios problemas para meditar.

— Agora mesmo eu desço.

Quando ficou sozinha, foi até o leme, onde estava Hunter.

— Em fim sozinhos! — exclamou ele Sorrindo maliciosamente.

— De que está brincando? Você me deu trinta e seis horas, ou esqueceu? — perguntou ela furiosa.

— Não estou brincando de nada. Só estou cuidando de meus interesses, olhos de tigre.

— Eu não sou seus interesses!

— Ainda — recordou, e se pôs a rir quando a viu empalidecer—. Será melhor que vá ver seu noivo, está com o rosto verde.

Nesse momento, Hunter voltou para a tarefa que tinha interrompido e Reba, depois de lançar um grunhido de desespero, deu meia volta.

Encontrou-se com Sibyl pelo caminho do camarote, a jovem usava agora um biquíni amarelo, estava muito bonita.

— Você está bem? — perguntou Sibyl ao vê-la tropeçar em um degrau.

— Sim, estou bem. Acontece que ainda não pus as pernas de navegar. Viu o Eliot?

— Está na cama, com mal estar. Disse que não quer ressuscitar até que não cheguemos a terra firme. Não sei por que decidiu vir.

As palavras de Sibyl fizeram que Reba a olhasse com frieza.

— Suponho que queria evitar que me contasse algum segredo.

— Nesse caso, é que não me conhece — nesse momento, Sibyl conteve a respiração ao dar-se conta do que acabava de revelar.

— Assim há algo, não é? Está apaixonada pelo Eliot?

Sibyl riu, e o tom. Não deixou lugar a dúvidas sobre sua negativa.

— Houve um tempo no que acreditei estar, mas felizmente passou. Se quiser saber o que aconteceu, temo que tenha que perguntar a ele. Pode se que diga a verdade, embora eu duvide. Tudo depende de como acha que vai reagir. Eliot gosta de

manipular as pessoas.

Reba franziu o cenho.

— Em que sentido?

— Demônios! É que ainda não percebeu que Eliot sempre quer sair-se bem em tudo? — perguntou Sibyl antes de começar a subir as escadas.

Reba se encontrou sozinha em poucos segundos e mais confusa que nunca. Não compreendia a descrição que Sibyl fazia de Eliot, este nunca tinha tentado obrigá-la a fazer algo que não quisesse. Era um homem generoso que não merecia a dor que Hunter queria que lhe causasse. No entanto, não ia continuar pensando nisso aquele dia.

Continuou até o quarto onde estava Eliot, mas sua chamada não obteve resposta; portanto, desistiu e entrou no quarto seguinte. Tirou a roupa e vestiu com o biquíni preto que tinha escolhido. Então, arrependeu-se de ter escolhido aquele diminuto objeto devido a presença de Hunter a bordo. Suspirou, recolheu seu protetor solar e foi reunir-se com Sibyl e Hunter.

Sibyl estava conversando com o Hunter enquanto este a ensinava sobre o manejo do leme. O rosto de Reba se escureceu pela irritação que vê-los

assim produziu e se voltou de costas para eles. Pôs uma toalha no chão, deitou-se e fez o possível por ignorá-los.

— Vais se queimar. Deixa que passe o protetor — declarou Hunter secamente.

Reba abriu os olhos e sacudiu a cabeça.

— Não precisa. Além disso, você está no leme.

— Sibyl está cuidando disso muito bem, não precisa de mim — se abaixou a seu lado, tomou o tubo de protetor e a olhou fixamente—. Não tem medo de mim, certo, Reba?

O gesto que ela fez foi suficiente para provocar as gargalhadas dele; depois, ficou esperando o contato daquelas mãos em seu corpo. E foi uma verdadeira tortura, mas extremamente doce. Hunter usou o creme para acariciar todas as curvas do corpo dela, e desabotoou a parte superior do biquíni para ter via livre até as minúsculas partes.

Reba mordeu os lábios para conter um gemido de prazer, mas foi impossível não mover o corpo. Por fim, ofegou quando os dedos do Hunter lhe acariciaram as laterais dos seios e se moveu agitadamente quando ele usou a mesma técnica em suas pernas.

De repente, tudo acabou, as mãos dele já não a tocavam, deixando-a excitada sexualmente e

frustrada. O sentido comum lhe disse que deveria alegrar-se, mas era muito difícil não perder o sentido comum.

—Não fique muito tempo ao sol — advertiu Hunter com tensão na voz antes de afastar-se dela.

Reba não sabia quanto tempo passou ali deitada; mas, quando por fim saiu daquela espécie de transe em que Hunter a tinha deixado, descobriu que Eliot se aventurou a sair a cobertura. Hunter estava de novo ao leme, e Sibyl a seu lado. Reba ficou em pé, aproximou-se de Eliot e lhe dedicou um olhar pormenorizado.

—Olá, já tem melhor aspecto. Aonde vamos?

—A uma dessas ilhas — respondeu Eliot apontando para frente a um grupo de três ou quatro ilhas às que, lentamente, aproximavam-se.

Um quarto de hora depois ancorou o iate na baía de um paraíso tropical. Levaram a cesta da comida para terra e a deixaram à sombra de umas palmeiras.

Eliot, de novo dono de si mesmo já em terra, colocou os óculos de sol e tirou a camisa.

—Muito bem, Hunter, isso é tudo. Pode vir a nos recolher dentro de uma hora — pronunciou Eliot em tom ofensivo.

Sibyl lançou um grunhido e, automaticamente,

Reba conteve a respiração, consciente de que o comentário não ia agradar ao Hunter.

— Não sou seu criado, primo. Estou fazendo um favor e será melhor que não esqueça. Por isso sei que esta ilha não é sua e tenho todo o direito do mundo a me sentar onde quiser. É obvio, pode tentar me tirar daqui.

— Deixa de ser um desmancha-prazeres, Eliot — interveio Sibyl —. Há comida de sobra para todos e deveria agradecer por ter nos trazido.

— Quer agradecer você pessoalmente com seus serviços? — perguntou Eliot com malícia.

— Retira o que disse antes que eu parta a sua cara, primo — disse Hunter em tom ameaçador.

Eliot deu um passo atrás, não duvidava que Hunter pudesse levar concretizar sua ameaça.

— Está bem, de acordo... Desculpa o que disse — respondeu Eliot rapidamente, recuando.

Hunter esboçou um sorriso desdenhoso.

— Uma sábia atitude. E agora, vou dar um mergulho. Alguém quer vir comigo?

Não era que Reba desejasse dar um mergulho com ele, e sim entrar na água para esquecer a desagradável cena que acabava de ter lugar. Ignorando a outros, pôs-se a correr pela areia e mergulhou na primeira onda.

Quando tirou a cabeça à superfície, viu outra a seu lado.

— Eliot não deveria ter dito isso.

Hunter lançou uma seca gargalhada.

— Eliot não deveria dizer muitas coisas.

— Me alegro que tenha defendido Sibyl.

Hunter sorriu.

— Não tem por que ficar ciumenta, olhos de tigre. Sibyl é para mim como uma irmã; entretanto, com você é diferente. Uma mulher como você faz que um homem perca o sono. Enfim, há uma parte muito boa para isso... Da qual desfrutarei quando tomar uma decisão.

— Está muito seguro de que aceitarei o que você quer?

— Não é assim?

— Há momentos em que não o suporto, Hunter Jamieson! — gritou ela antes de começar a nadar com toda pressa para a praia.

Hunter a seguiu.

Quando Reba saiu da água, aproximou-se imediatamente de Eliot.

— A água está muito boa, deveria dar um mergulho — disse a seu noivo, aceitando a toalha que este ofereceu.

— Não parece que tenha sentido falta de minha

companhia — comentou Eliot mostrando Hunter, que agora estava com Sibyl, com um movimento de cabeça.

— É obvio que senti sua falta, querido — disse Reba inclinando-se sobre ele para beijá-lo.

A resposta dele a tomou de surpresa. Ele a tomou em seus braços atirou-a na areia, colocou-se em cima dela e a beijou com uma firmeza que deveria tê-la excitado; entretanto, deixou-a gelada.

Mas Eliot não pareceu notar. Quando levantou a cabeça e a olhou, os olhos dele brilhavam de satisfação.

— Isto servirá para lhes dar uma lição! — murmurou com voz espessa—. Mas se por acaso nos continuarmos...

Voltou a baixar a cabeça e a beijou de novo; nesta ocasião, Reba ficou furiosa porque ele a usava dessa maneira e usou toda sua força para afastar ele de si.

— Basta! Não quero que me use para se mostrar, Eliot!

Imediatamente, Eliot se desculpou. — Sinto muito, querida, mas é que não suporto esses dois. Perdoa-me?

— Não.

— O que quer dizer?

— Que dá a impressão que tem ciúmes, que você não gosta que Sibyl prefira Hunter em vez de você!

Eliot ficou olhando como se não pudesse acreditar no que estava ouvindo.

— Você se arrependerá do que disse! — disse antes de ficar em pé e afastar-se dela.

Quando ficou sozinha, apoiou a cabeça nos braços enquanto um imenso alívio se apoderava dela. Havia coisas em Eliot das que não se deu conta até esse momento, coisas que não gostava. Eliot não tinha direito a usá-la dessa maneira.

— O almoço está preparado — gritou Sibyl.

Mas Reba tinha perdido o apetite. Fingiu estar dormindo; mas, com a paz que ali reinava e o calor, dormiu de verdade. Quando despertou, o lugar estava tão silencioso que acreditou que a tinham deixado sozinha. Logo descobriu que Hunter estava sob uma palmeira, aparentemente dormindo. Eram Eliot e Sibyl quem não se encontrava ali. Reba franziu o cenho e se sobressaltou para ouvir a voz do Hunter.

— Sibyl retornou ao iate e Eliot não voltou.

— O que?

— Já me ouviu.

— Que Eliot não voltou? De onde?

—partiu faz algumas horas. Não se preocupe, provavelmente esteja em alguma parte amaldiçoando sua sorte. O que disse a ele para que se zangasse tanto?,

— Isso não é assunto seu — afirmou.

— Posso imaginar — Nesse momento, Hunter se aproximou dela, até ficar deitado seu lado.

— Quer ele, Reba? Vai destroçar seu o coração deixá-lo? — perguntou Hunter em tom zombador.

Reba se sentiu como se tivessem espetado uma adaga.

— Descarado!

Os olhos dele mostraram um brilho de advertência.

— Sou o que você me fez ser, querida; e aconteça o que acontecer, é o que você quer — levantou uma mão e acariciou os lábios com a ponta de um dedo — . Passou muito mal sem mim?

Com dor, Reba fechou os olhos. Sim, tinha passado muito mal sem ele.

— Não seja tão convencido!

— Não sou, é a verdade.

— Maldição, Hunter!

Mas, apesar dessas palavras, Reba recebeu seu beijo com um suspiro de satisfação, permitindo que acariciasse o corpo inteiro, sumindo-se nesse

incomparável prazer...

Capítulo 8

Ainda era muito cedo. Depois de dar voltas durante toda a noite incapaz de conciliar o sono, Reba se vestiu e desceu até à praia. Olhou na distância e notou os amontoados de nuvens para o Oeste. Devia ser a tormenta que Hunter tinha mencionado. Desejou com todo seu coração, algo que interrompesse esse calor opressivo era bem-vinda.

Lançou um suspiro e continuou caminhando devagar. Não se surpreendia não ter sido capaz de dormir, tinha chegado a hora de tomar uma decisão. Depois daqueles momentos na praia no dia anterior, tinha esperado que Hunter fosse visitá-la de noite. Quando não o fez, não soube se estava contente ou triste. Se ele tivesse ido, ela teria permitido que fizessem amor?

Mas não tinha ido e ela ainda não tinha tomado uma decisão. Não sabia o que ia dizer a ele. Não, isso não era certo. Sabia o que teria que responder, mas ainda se agarrava a um fio de esperança.

Bateu o pé com uma pedra e, dolorosamente, voltou para a realidade. Havia rochas junto à praia que, de vez em quando, formavam pequenas baías.

Estava hesitando entre cruzar a seguinte ou dar meia volta e voltar para a casa quando chegou até ela o som de umas vozes. Ao momento, parou, quando as reconheceu. Eram Eliot e Sibyl. Em vez de recuar, avançou silenciosamente até que pôde os ouvir claramente.

— OH, é você. O que quer Eliot? — disse Sibyl a modo de saudação, com desagrado.

A risada de Eliot foi igualmente depreciativa.

— Quero conversar em particular com você.

— No que me diz respeito, não temos nada que nos dizer — respondeu Sibyl.

— Quero saber por que está aqui — disse Eliot em tom irritado.

— Dei-me conta de que o que aconteceu não foi minha culpa. Desprezo você, Eliot, e vim a sua casa para dizer isso e Eleanor é minha amiga e não vou permitir que você destrua nossa amizade.

— Essa é a única razão pela que veio?

— E que outra razão poderia ter?

— Se pensa em contar a Reba o nosso caso, esquece; do contrário, farei que sinta — disse Eliot em tom ameaçador.

A risada de Sibyl indicou que não se alarmava com a agressividade dele.

— Já sinto ter conhecido você. Escuta verme,

pode ser que no passado estivesse tão cega para me apaixonar por você, mas me curei quando descobri que estava sendo infiel a minhas costas enquanto tentava pôr um anel em meu dedo.

— Faz meses que rompi com essa mulher, tal e como disse que faria — respondeu ele furioso.

— E eu respondi que não sabe ser fiel a uma mulher e que não demoraria muito em me trair com outra! — espetou Sibyl em tom de desprezo —. Meu Deus, inclusive negou, até que eu disse que o tinha visto com meus próprios olhos!

— Jamais teria descoberto se Hunter não houvesse dito!

— E estou eternamente agradecida. Se Hunter não me houvesse dito que me foi infiel com uma garçõete, teria cometido o engano de me casar com você.

Então era isso! Pensou Reba perplexa. Eliot e Sibyl tinham sido noivos, mas ele tinha tido uma aventura com uma garçõete. Quando Sibyl descobriu, romperam o noivado. Reba não podia acreditar o pouco que sabia do homem com quem tinha pensado em se casar.

— Sabe que agora acho você mais atraente que nunca. Se continuasse sendo minha, não acredito que voltasse a fazer o que fiz. Nós dois somos

adultos e antes me desejava. Eu ainda te desejo Sib.

Reba quase não podia acreditar no que ouvia.

— É um descarado! É o noivo da Reba e vai se casar com ela!

— Ela não vai sofrer se não souber. Se formos discretos, poderei ter as duas.

Reba não ficou para ouvir o resto, tinha ouvido mais que suficiente.

No terraço da casa, o café da manhã estava servido, mas não havia ninguém sentado à mesa. Não compreendia como podia parecer tudo tão normal quando acabava de descobrir que o homem com quem tinha pensado casar-se era um total desconhecido.

— bom dia, querida — disse a senhora Thorson tirando-a de seu devaneio.

Reba se voltou sobressaltada já que não a tinha ouvido se aproximar.

— bom dia.

— Aconteceu alguma coisa, Reba? Está um pouco pálida.

Então, Reba olhou o anel de noivado e, nervosa, começou a dar voltas no dedo.

— Estou bem... Bom, a verdade é que não. Agora que está aqui... Embora não é o correto...

Verá, decidi não me casar com o Eliot.

Reba olhou à senhora Thorson, que nem pestanejou.

— Não parece surpresa.

A senhora Thorson lançou um fraco suspiro.

— Não, não me surpreende, embora seja uma pena. Acredito que teria sido uma boa esposa para meu filho, e me acredite que necessita de uma boa esposa. Pode me dizer o motivo?

Reba mordeu os lábios.

— É um assunto pessoal — respondeu por fim.

— Não estou cega, querida. Conheço os defeitos de meu filho. Esperava que você o fizesse mudar; entretanto, se não for o homem apropriado para você, parece-me justo que não se case com ele. Nunca se case com alguém por interesse, Reba. Eu me casei para conseguir segurança e pelo status social. Amo meus filhos, mas nunca quis o pai deles. Por isso, a posição de nossa família é tão importante para mim, é o único que tenho.

Muitas coisas estavam se esclarecendo essa manhã.

— E isso é o que não perdoa em Hunter, que tenha ficado com parte da herança?

A outra mulher a olhou com respeito.

— É inteligente, Reba. Sim, é por isso. Hunter

herdou umas terras que eu queria para o Eliot.

Reba franziu o cenho.

— Entretanto, Hunter não parece ter nada contra você.

— É natural. Hunter tem umas terras muito valiosas que não está disposto a nos vender. Temo querida, que não vai conseguir me convencer para que veja o Hunter com bons olhos.

Reba se deu conta de que Helena Thorson jamais mudaria de idéia com respeito a Hunter. Não gostava da injustiça que essa mulher estava cometendo, mas tinha outros problemas nesse momento.

— Permite que use o telefone?

— É obvio querida. E se vir o Eliot, direi que quer falar com ele.

Reba ficou tensa. Eliot era a última pessoa a quem queria ver, mas tinha que fazer isso.

— Sim, obrigado. E obrigado por ser tão compreensiva. Já sei que é uma situação delicada.

— Sobreviverei — uma repentina rajada de ar fez que Helena inclinasse a cabeça —. A tormenta vai chegar logo, Hunter tinha razão nisso.

Reba contemplou as nuvens que avançavam. Depois de desculpar-se, foi ao telefone. Havia um problema de diferença horária, mas a chamada não

podia esperar.

— Sim? — respondeu uma voz sonolenta.

— Sou Reba Wyeth, doutor. Sinto lhe chamar tão cedo, mas ocorreu algo e preciso saber como vai a operação — disse Reba em tom de desculpa.

— Ah, sim, Reba. Ia entrar em contato com você. Tudo continua conforme o planejado. Já reservamos o voo e esperam sua mãe no hospital dentro de dez dias. Você precisa apenas lhes enviar o cheque para que chegue no final desta semana. Pode fazer isso?

Reba fechou os olhos. Era a melhor notícia, e também a pior.

— Sim, é óbvio. O dinheiro estará ali e eu irei ao aeroporto. Obrigado por tudo, doutor.

— É um prazer, Reba. Boa noite.

— boa noite — respondeu Reba antes de desligar.

Assim estavam as coisas, tinha que conseguir o dinheiro fosse como fosse. Tinha duas opções e escolheu a que produziria menos dor.

Ficou em pé e foi em busca do Eliot.

Encontrou-o em seu quarto.

— Sinto muito, querida, estava me procurando? Estava a ponto de ir perguntar por você para saber se queria nadar comigo — disse Eliot em tom

animado, avançando para ela com os braços estendidos.

Reba elevou a mão para detê-lo. Se a tocasse, podia chegar a lhe dar uma bofetada.

— Sim, estava te procurando para devolver isso — mostrou o anel de noivado que tirou do dedo —. Não vou me casar com você, Eliot.

Ele ficou perplexo, contemplando o anel como se fosse uma serpente venenosa. Entretanto, após uns segundos, sua expressão se transformou, mostrando fúria.

— O que quer dizer com isso de que não vai se casar comigo? — perguntou irascível —. É por causa de Sibyl? Contou alguma coisa, maldição!

— Sibyl não tem nada que ver com isto. A verdade é que acreditei que poderia me casar com você, mas não é assim. Não te amo Eliot. Acreditei que poderia chegar a amar, mas sei que não poderei.

Não era isso tudo o que queria dizer, mas ainda tinha que pedir um favor e não podia permitir o luxo de desprezá-lo. Portanto, não comentou o que tinha ouvido aquela manhã na praia.

— Mas eu sim te quero! — exclamou Eliot agarrando-a pelos ombros.

— Sinto muito.

Então, Eliot a separou de si de um empurrão.

— O que sente? E do que me serve que sinta?

Reba mordeu os lábios.

— Melhor sentir agora que mais tarde.

— Economize as desculpas! Se já disse tudo o que tinha que me dizer, será melhor que vá.

— Ainda há algo que quero pedir.

Eliot a olhou longamente antes de começar a rir.

— Estava me esquecendo de sua mãe. Tenho um ás na manga e não me tinha dado conta!

O sorriso dele a fez estremecer.

— O que quer dizer?

— Quero dizer que continua necessitando do dinheiro, não é verdade?

— Sabe que sim. Disse que me ajudaria — recordou.

— Claro que lhe disse isso — Eliot voltou a rir — . Mas te desejava e haveria dito que sim a tudo com o objetivo de ter você. A sério pensa que daria esse dinheiro sem nada em troca?

— Mentiu pra mim — disse Reba com incredulidade.

— Não necessariamente. Alias, continuo te desejando e você continua necessitando do dinheiro. Terá que se casar comigo.

— Sibyl tinha razão, é um descarado! Eliot enfureceu.

— Sabia, contou-lhe tudo! Agora, Reba sorriu.

— Não, ouvi vocês conversando sem que se dessem conta. Pois deixa que eu diga uma coisa, Eliot pode ser que necessite desse dinheiro, mas não vou aceitar uma chantagem. Assim já sabe o que pode fazer com seu dinheiro.

Reba girou sobre seus pés e saiu do quarto, fechando a porta com força.

Em seu quarto, tirou uma cadeira para o terraço e se deixou cair nela. Eliot era odioso. mas, agora só ficava uma opção. Hunter. Já não podia destruir sua relação com o Eliot, mas tinha feito uma oferta que ela se via forçada a considerar. Hunter a desejava e pagaria por ela. Ao menos, era um trato e não uma chantagem. Se ela não o amasse, seria muito mais fácil agüentar o ódio que Hunter sentia por ela. Subitamente, o vento começou a soprar com força. Reba elevou o rosto e viu nuvens negras no horizonte, mas muito mais próximas que antes.

Quando desceu para almoçar, o vento era violento. Não se surpreendeu encontrar todo mundo no terraço com os olhos fixos no firmamento.

— Agora mesmo ia buscar você — comentou

Eleanor apoiando-se no muro.

Imediatamente, Reba separou uma cadeira da mesa e a ajudou a sentar-se.

— Sim?

— Sim. A tormenta vai ser forte e não sabia se estava preparada.

— Não estou. Tenho pavor das tormentas — admitiu Reba estremecendo.

Sibyl se uniu a elas.

— Eliot deveria fazer algo — declarou e, no momento, franziu o cenho ao ver que Reba não usava o anel de noivado no dedo —. Onde está seu anel?

— Eliot e eu decidimos não nos casar — respondeu brevemente, olhando para ele, que estava junto a sua mãe.

Nesse momento, todos cravaram os olhos no homem que acabava de dobrar a esquina da casa.

— Sabia que os encontraria aqui brincando de feliz família em vez de estar fazendo o que deveriam fazer — disse Hunter em tom de recriminação—. Nem sequer lhes ocorreu fechar as venezianas!

— Hunter, falo a sério, toma muitas liberdades!

— queixou-se a senhora Thorson.

— Faz dias que eu disse que se aproximava

uma tormenta e teve tempo de sobra para preparar tudo. A tormenta não vai esperar que estejam preparados, sabe? Vai cair já e vai ser das de verdade!

Eliot, zangado, aproximou-se dele.

— Há tempo de sobra. Os criados sabem o que têm que fazer.

Hunter sorriu cinicamente.

— Claro que sabem, e estão fazendo. Antes de vir aqui, mandei eles para suas casas para que cuidem de suas famílias.

A senhora Thorson ficou boquiaberta.

— Não tinha direito de fazer isso!

— Tem razão, porque é algo que deveriam ter feito vocês mesmos em vez de ficar aqui como pasmos contemplando o panorama.

Ferida pelo tom com que Hunter lhe falava, sua tia reagiu.

— Para sua informação, não estávamos contemplando nada. É mais, Eliot estava decidindo o que devíamos fazer.

— Que bom! Desgraçadamente, já é um pouco tarde para isso. Em minha opinião, fica aproximadamente uma hora e meia, duas se muito, para fechar bem a casa antes que exploda a tormenta. Tia Helena, você e Eleanor entrem na casa

e comecem a fechar todas as janelas. Eliot pode me ajudar com as venezianas.

Pela primeira vez, ninguém contradisse seu direito a dar ordens.

— O que nos podemos fazer? — perguntou Sibyl.

Hunter olhou a seu redor antes de responder.

— Há muitos móveis espalhados por aqui para meu gosto. Coloca dentro os que puder.

— E eu? — perguntou Reba quando Sibyl se foi apressadamente para cumprir as ordens de Hunter.

— Vêem comigo me ajudar também com as venezianas.

Trabalharam em equipe. As primeiras gotas de chuva caíram enquanto asseguravam a última das venezianas; em questão de minutos, chovia torrencialmente. Quando por fim entraram na segurança do vestíbulo da casa, tinham as roupas grudadas ao corpo.

— Você está bem? — perguntou Hunter vendo-a secar o rosto.

— Só estou um pouco molhada. A verdade é que é bastante refrescante.

Hunter jogou o cabelo para trás ao tempo que dava uma gargalhada.

— Se estivesse aí fora dentro de meia hora, não

pensaria o mesmo. Enfim, aqui estará relativamente segura — assegurou Hunter.

Hunter tinha trabalhado como um demônio para ajudar uma família que não tinha expressado sua gratidão. Mas Reba não ia deixar isso passar.

— Obrigado por sua ajuda. Não teríamos conseguido sem você, não é verdade, Eliot? — disse Reba olhando para seu ex-noivo.

— Não se entretenha por nós, Hunter. Deve estar desejando voltar para sua guarida.

Reba não deu crédito a seus ouvidos.

— Ele não pode sair daqui assim, Eliot, asseguro que se arrependerá! Não só é um ingrato, mas também um desgraçado!

Antes que Eliot pudesse responder. Hunter disse.

— Dá igual, não tinha intenção de ficar. Não se preocupem, estarão a salvo. E não saiam a menos que seja absolutamente imprescindível. Adeus.

Reba ficou olhando a porta depois de que Hunter saiu.

— Como pode agir assim? — perguntou furiosa.

Eliot encolheu os ombros.

— Não sou responsável pelo que acontece com ele.

— Nem ele é por você! Mas, de qualquer modo, veio ajudar. Como pode fazer uma coisa assim? Pode acontecer algo com ele aí fora!

Fez-se um breve silêncio; então, Eliot adotou uma expressão zombadora.

— Tenho a impressão de que se preocupa muito esse meu parente. O que é que acontece, Reba?

Imediatamente, Reba baixou as pálpebras para ocultar a expressão de seus olhos.

— Não tem nada, exceto a preocupação natural por outro ser humano. Independente do que sinta por ele, não deveria ter mandado ele embora de sua casa.

— Pois não vou sair para trazer ele de volta e você tampouco vai fazer isso! Além disso, já ouviu, embora tivesse dito que ficasse não teria ficado.

Pensando com lógica, Reba sabia que a tormenta estava iniciando-se, o que dava tempo suficiente a Hunter para refugiar-se em sua casa. Hunter sabia o que fazia. Estaria a salvo.

No entanto, se algo acontecesse a ele, não poderia suportar. Só podia suportar continuar no mundo se Hunter estivesse ali, vivo. Nesse instante, soube que tinha que se reunir com ele. Seu medo das tormentas não era nada comparado com outras terríveis possibilidades. Tinha que saber que se

estava bem... Ou estar com ele se algo acontecesse.

Foi correndo à cozinha, encontrou uma lanterna e um impermeável em um armário. Então, antes que nenhum dos presentes suspeitasse o que tentava fazer, saiu pela porta traseira.

A força da tormenta a golpeou no momento que abandonou a proteção que a varanda oferecia. Então, o vento a sacudiu de tal maneira que quase não podia manter os pés no chão. Dobrando o corpo, correu até chegar ao atalho.

A escuridão era quase total e iluminou com a lanterna. Cada vez que algo se rompia no arvoredo, ela se sobressaltava; e quando uma palmeira caiu diante dela, soltou um grito.

O trajeto era um pesadelo, mas se negou a voltar enquanto rodeava árvores caídas e ignorava os arranhões e feridas que suas pernas estavam sofrendo. A única coisa que sabia era que tinha que chegar ao lado de Hunter. Não sabia quanto tempo custou; mas quando chegou à costa que conduzia a sua casa, estava esgotada. Em qualquer caso, a construção parecia intacta. Apenas se preocupou ao não ver luz através das frestas das venezianas.

O coração se encolheu. Onde estava Hunter? Não tinha conseguido chegar? Contendo o medo, conseguiu chegar até a varanda. Quando a porta

não se abriu, golpeou-a com toda sua força.

— Hunter! Maldito, Hunter, tem que estar bem!
Hunter!

Seus gritos se afogaram quando a porta se abriu e a luz do interior da casa a cegou momentaneamente.

— Que demônios...? — Hunter se interrompeu e a contemplou atônito—. Não posso acreditar nisso! Vamos, entra, está louca!

Irritado, carregou ela até colocá-la na casa e depois fechou a porta.

Reba deu um passo tremulo antes de cair ao chão de joelhos.

—Disse que não saísse da casa. Por que demônios veio aqui? — perguntou ele com ferocidade ao tempo que se ajoelhava junto a ela e jogava o rosto para trás com expressão de angústia.

— Sei perfeitamente o que me disse, mas estava preocupada com você. E afasta essa luz, está me cegando!

—Estou tentando ver se esta bem.

—Claro que estou bem — afirmou.

Mas fez um gesto de dor quando afastou uma mecha de cabelo dos olhos. Baixou a mão e viu que estava manchada de sangue.

Hunter lançou um suspiro.

— Sim, claro que está bem. Está toda machucada e provavelmente tenha contusões, mas não, Reba Wyeth está bem — disse em tom sarcástico ao tempo que a levantava do chão.

Depois do que passou para chegar ali, Reba não gostou do recebimento.

— Para de gritar comigo! — e, para surpresa dela, se pôs a chorar.

Hunter também se surpreendeu; durante um momento, ficou em silêncio. Depois, com cuidado, levou-a até o assento mais próximo.

— Está louca, sabia? — disse ele com voz terna.

— Muitíssimo obrigado.

— Pelo amor de Deus, Reba, é que não se dá conta de que podia ter morrido e por nada? — perguntou Hunter enquanto examinava a ferida do rosto.

— E você também, e também por nada!

Os azuis olhos dele se cravaram nos dourados dela.

— Tanto interesse por mim?

Ela o olhou com gesto desafiante.

— Evidentemente, desperdiçado. Deveria ter me dado conta de que esta ruína não pode cair em cima a alguém como você, Hunter Jamieson!

— Embora seu aspecto não dê essa impressão, a

estrutura é muito forte — informou Hunter.

— Ótimo. Nesse caso, já posso voltar agora que sei que está bem.

— Você não vai a nenhum lugar.

— Não pode me impedir.

— Como não posso impedir isso? Vamos, Reba... O primeiro que vamos fazer é Achar uma roupa seca a você e depois examinaremos essas feridas. Vêem comigo.

Obedientemente, Reba se levantou e o seguiu. Sabia que não ia a nenhuma parte, ia ficar ali e isso era o que queria.

Capítulo 9

Hunter a levou a outro cômodo que estava tão escassamente mobiliado como a sala. Tratava-se de um quarto, mas não havia colchão em cima da cama. Acaso Hunter dormia no chão? Entretanto, antes de fazer a pergunta em voz alta, Hunter a conduziu a um canto do quarto, abriu uma portinhola e viu que abaixo havia luz. Desceram a um porão por uma escadinha e Reba olhou a seu redor, iluminada pela luz de dois abajures que havia em cima de uma mesa. Nesse momento, descobriu o colchão que tinha sentido falta no quarto de acima, e duas mantas.

— Uma casa dentro de outra casa — comentou secamente.

— Bem vinda ao porão das tormentas. Meu avô deve ter construído para ocasiões deste tipo — respondeu Hunter com um sorriso travesso.

— Se estiver tão seguro de que a casa é tão forte, por que desce aqui?

— A casa, como qualquer outra, não resistiria se uma árvore caísse em cima — respondeu ele razoavelmente antes de dirigir-se a um baú de onde tirou uma camisa — . Terá que se conformar com isto

até que sua roupa fique seca. Não tenho muita roupa aqui. Se seque antes com uma das mantas.

— E você que vai fazer o que, olhar?

Hunter lhe deu a camisa.

—Se esqueceu que já a vi nua — observou ele secamente—. Mas, estou disposto a me virar, mas terá que ser rápida.

—Obrigado.

Enquanto Reba se secava e vestia a camisa, Hunter serviu duas xícaras de café de um recipiente térmico.

—Fica muito melhor em você que em mim — comentou Hunter quando pôde se virar.

—Não sei como fica em você, só vi você com jeans e camiseta sem mangas — respondeu ela.

— Sabe uma coisa, olhos de tigre, você se fixa muito nas aparências? Usar calça jeans não significa que um homem não tenha meios para usar outra coisa. Nem sequer um milionário vestiria um smoking para ir a um veleiro! E agora, sente-se e deixa que examine essas feridas.

Hunter tinha razão, ela tinha chegado a muitas conclusões sem base alguma; mas tinha sido porque só se fixou no homem, não em seu bolso. Quando o conheceu, não procurava um homem rico; portanto, não tinha ocorrido que Hunter pudesse ser.

Desanimada, Reba sentou no colchão e Hunter começou a examinar a ferida da cabeça.

— É superficial, só um arranhão. Não se preocupe não a impedirá de se pôr diante das câmaras — disse Hunter por fim—. Suponho que voltará a trabalhar agora que não vai ser a senhora Eliot Thorson III, Não é?

Reba o olhou com expressão de surpresa.

— Como sabe?

A modo de resposta, Hunter tomou a mão onde usava o anel; depois, soltou-a.

— Vai me esfregar isso na cara?

— por que ia fazer uma coisa assim? — perguntou ele em tom suave, irritando-a enormemente.

— Porque ganhou.

— Não duvidei nem por um instante. E você?

Isso doeu em Reba imensamente porque tinha lutado muito para que fosse de outro modo. Entretanto, aí estava, como no princípio... Só que sem o que mais desejava no mundo.

— Quem disse que pensava em deixar o trabalho depois de me casar?

— Deixa que veja as pernas — Ordenou ele; Reba estirou a perna e Hunter examinou os arranhões antes de começar a limpá-los com

cuidado — . Muitos homens ricos não gosta que suas esposas trabalhem. Em minha opinião, Eliot é um desses.

Reba engoliu seco para poder responder por que tinha uma das mãos de Hunter na coxa e, com a outra, passava um algodão de tal forma que a fazia tremer por dentro.

— E... E você? Deixaria que sua... Esposa... Trabalhasse? — perguntou Reba com voz tremula, o prazer era muito intenso.

Hunter esboçou um sorriso sensual ao tempo que soltava uma perna para agarrar a outra, o que não ajudou ela a se acalmar.

— Se ela quisesse, é obvio que sim. A necessidade de trabalhar não vai necessariamente unida à necessidade de ganhar dinheiro, embora esse seja o resultado. Muitas pessoas precisam se sentir úteis. Precisamos nos esforçar tanto física como mentalmente... Ajudar nossos semelhantes.

— Algumas pessoas desenham e constroem navios — acrescentou ela, recordando o que não havia dito.

Hunter atirou o algodão usado, mas não soltou sua perna. Pelo contrário, começou a acariciar-la enquanto a olhava fixamente nos olhos.

— Ainda me reprova isso, olhos de tigre? É

muito difícil aceitar críticas que venham de você. Diga-me, o que fez você decidir por deixar o pobre primo Eliot? Se preocupava o que eu pudesse dizer ou por fim se deu conta de que comigo, além de dinheiro, também pode conseguir prazer?

A dor que aquelas palavras produziram encolheu seu coração.

— Maldito seja! — gritou Reba quando tentou liberar sua perna sem conseguir.

— Mais lágrimas, olhos de tigre? A quem tenta enganar? Não engane a si mesma que isto é amor!

— Está bem, não farei isso!

Antes que Reba pudesse reagir, Hunter a empurrou até deitá-la no colchão, inclinando-se sobre ela. Assim, olharam-se fixamente nos olhos.

— Sempre acabamos brigando... Quando a única coisa que quero fazer agora é..... — murmurou Hunter com voz rouca.

Hunter acariciou seu rosto e afastou o cabelo que estava grudado nas bochechas.

— O que é quer fazer então? — perguntou ela em um sussurro apenas audível, consciente de que o estava convidando.

Hunter acariciou seus lábios com os seus antes de aprofundar o beijo, consumindo-a em um mundo de a intoxicou de paixão.

— O que quero fazer? — Disse ele por fim levantando ligeiramente o rosto — . Quero me perder dentro de você. Quero me enterrar no mais profundo de seu ser, onde nenhum outro homem esteve.

E voltou a apoderar-se da boca dela com erótica sensualidade.

Reba o rodeou pelo pescoço com os braços, desejando que soubesse que já estava ali, no mais profundo de seu ser, e sempre estaria. O amor que sentia por ele era imenso, embora Hunter não soubesse. Respondeu a seus beijos com a generosidade de seu amor, e sentiu a surpresa de Hunter quando acariciou a língua com a sua. Hunter se separou dela e franziu o cenho.

— Não vai resistir?

Reba umedeceu os lábios, cada vez custava mais respirar.

— Desejo muito você — respondeu com honestidade, dando a única resposta que Hunter podia compreender.

Então, Hunter abriu a camisa dela para acariciar os excitados seios. Reba tremeu sensualmente, sentindo que seu corpo inchava sob o ardente olhar dele. Enterrou os dedos nos cabelos dele e o beijou com instintiva sexualidade, desejava

de dar prazer porque sua alma pedia aos gritos. Amava esse homem e nada do que os dois pudessem fazer seria sórdido. Iria fazer amor com ele, não importando se ele soubesse ou não. Hunter respondeu aos beijos dela com ternura, com carinho. Reba sabia que ele a desejava, sentia a dureza de sua ereção apesar das calças, mas o controle que tinha sobre si mesmo era surpreendente. Hunter se movia com deliciosa lentidão, levando-a ao limite do controle. E quando as mãos dele a acariciaram intimamente, ela separou as pernas com urgência, com necessidade. Por fim, Reba começou a ofegar sua frustração, pedindo a satisfação que Hunter ainda negava, e viu que os olhos dele brilharam de satisfação. Então, sentando-se, Hunter se despojou rapidamente de suas roupas antes de deitar a seu lado. Hunter se ofereceu a ela abertamente, convidando-a a que fizesse o mesmo acabava de fazer a ela, e Reba aceitou encantada. Torturou-lhe com a mesma doçura e sentiu-o tremer sob suas carícias. Sua união foi selvagem. Reba sentiu Hunter entre as coxas antes de o sentir dentro de si; quando isto ocorreu, gritou de prazer e rodeou o corpo com as pernas. Moveu-se com ele, agarrando-se a Hunter enquanto a tensão aumentava até fazê-los tremer de

prazer. Os dois gritaram em uníssono ante a intensidade da sensação. Depois, veio a calma.

Reba suspirou, encontrava-se tão em paz que não queria abrir os olhos. Sentia-se segura e sabia que essa segurança se devia aos braços que a rodeavam. Ouviu a rítmica respiração dele e então recordou.

O porão estava igual, não havia forma de saber se era de dia ou de noite nem durante quanto tempo tinha dormido. A tormenta teria cessado?

E também pensou que o que tinha acontecido entre ambos aquela noite não mudava nada. Tinham compartilhado paixão, não amor... Ou isso era o que Hunter acreditava. Não suportava a idéia de que ele não a quisesse. Devia lhe contar tudo? Desejava fazer isso com toda sua alma, queria contar sobre sua mãe, mas duas coisas a impediam.

Harriet Wyeth era uma mulher muito orgulhosa que não suportava a compaixão nem a caridade. Tinha feito seus filhos jurarem que manteriam em segredo sua enfermidade. Reba só tinha conseguido permissão para contar a Eliot porque este tinha estado a ponto de fazer parte da família. Com o Hunter não ocorria o mesmo. Hunter não a amava, não tinham futuro. Portanto, embora tivesse permissão para contar não faria isso.

Dizer-lhe não ia fazer que, milagrosamente, se apaixonasse por ela. Tinham acontecido muitas coisas das que Reba não se orgulhava. E tampouco queria sua compaixão.

Portanto, só tinha uma opção.

A seu lado, Hunter suspirou.

— por que tão pensativa?

Reba se sobressaltou não tinha se dado conta de que Hunter estava acordado, observando-a.

— Já é amanhã — respondeu, simplesmente, ao tempo que estendia a mão para recolher a camisa dele, que vestiu imediatamente.

Hunter se apoiou em um cotovelo para se levantar ligeiramente; depois, acariciou uma coxa dela com as pontas dos dedos.

— Não sabe que o amanhã sempre chega?

Reba lançou uma cínica gargalhada.

— Sei aonde quer chegar, me acredite. E outra coisa, acredito que fizemos um trato, não?

Hunter sorriu, continuando com suas carícias.

— Eu gosto de como dirige os negócios.

Reba afastou sua mão de um tapa porque, desgraçadamente, desejava que ele continuasse.

— Falo a sério, Hunter!

— Mmmm. Sim, já percebi. Tenho a impressão de que aprendeu a primeira regra nos negócios,

olhos de tigre. Fez com que baixe minhas defesas, assim será melhor que me diga agora o que quer.

Reba engoliu seco.

— Quer que continuemos sendo amantes?

Hunter se levantou até ficar sentado, muito perto dela para comodidade dela.

— depois do que aconteceu ontem à noite, sei que tampouco você desgosta da idéia.

Em certo modo, Hunter parecia mais quente que os dias passados.

— Não é isso o que importa. A questão é que eu cumpro com minha parte do trato. E agora é sua vez — declarou com voz rouca.

Reba sentiu uma repentina mudança nele, tensão. — O que quer dizer? — Ontem à noite mencionou... Dinheiro. Aquelas palavras flutuaram no ar pesadamente. Quando Hunter falou por fim, fez com voz gélida. — Entendo. E quanto dinheiro acha que vale? Reba queria chorar com desespero, algo dentro de si morreu. Entretanto, respondeu com voz equilibrada a quantidade que necessitava para a operação de sua mãe. Hunter conteve a respiração durante uns segundos e, quando a obrigou a olhá-lo, ela viu que apertava a mandíbula com dureza para conter sua ira.

Depois, quando Hunter sorriu, foi como lhe

cravar uma faca.

— Não é troca, né? Muito bem, olhos de tigre, farei um cheque nesta quantia. Mas esta segura de que tenho a intenção de tirar proveito de você com meu dinheiro.

As bochechas dela avermelharam.

— Um trato é um trato.

Aquelas palavras foram tudo o que Hunter necessitava para ficar de joelhos bruscamente; então, agarrou-a pelos ombros e a sacudiu.

— Maldição, Reba! Já que não pode deixar de ser avarenta nem por um momento?

Não era avareza, era necessidade.

— São suas regras!

— Assim é, mas não acreditei que fosse seguir elas tão ao pé da letra.

— Nesse caso, se enganou.

— Parece que me equivoquei em muitas coisas — declarou ele com desprezo.

Nesse momento, Hunter ficou em pé, pegou sua roupa e a pôs.

— Será melhor que se vista. Eu vou ver os danos que a tormenta causou.

Quando Hunter partiu, Reba se vestiu rapidamente. Fazia o que devia e nenhuma outra coisa tinha já importância.

Quando subiu do porão, o mundo estava quase igual a como o tinha deixado, embora um pouco mais fresco. Hunter estava na varanda, limpando os ramos e mato.

—O caminho deve estar bem, não houve muitos danos. Pode ser que alguma árvore tenha caído, mas poderá chegar em casa sem problemas. Levará um tempo para arrumar o transporte para partir, assim tem umas duas horas para se preparar.

Falou como se fosse uma desconhecida, e isso doeu em Reba.

— Aonde vamos?

Então, ele voltou a cabeça e a olhou com expressão irônica.

— Acaso importa? Vou pagar por seus favores! Esteja pronta em duas horas.

Reba levou uma mão aos lábios para conter um soluço.

—Hunter, por favor, não me trate assim — rogou ela em um quebrado suspiro.

Mas Hunter pôs-se a rir.

—Como você já disse, são minhas regras. É minha culpa ter esquecido de que você só tem um Deus. Pode estar certa de que não voltarei a cometer o mesmo engano.

Quando Reba chegou à casa, viu que esta não

tinha sofrido nenhum dano. Entrou sigilosamente, sem que ninguém percebesse sua presença. Duvidava que alguém tivesse percebido sua partida. No quarto, tomou um banho e fez a bagagem.

Desceu as malas e as deixou no vestíbulo, junto à porta. As boas maneiras exigiam que se despedisse, apesar de que custaria um grande esforço. Quando saiu no terraço, deu-se conta de que os criados fazia tempo tinham retornado à casa. O café da manhã estava servido e tinham começado a abrir as venezianas.

Reba se serviu de café, mas não podia comer nada; portanto, aproximou-se do corrimão para contemplar o panorama. O oceano tinha uma cor cinza, igual a seu coração.

Ali encontrou Eliot quinze minutos mais tarde.

— bom dia. Não parece que a casa tenha sofrido nenhuma imperfeição — disse ela, decidida a mostrar-se educada.

— Como vai você, ou seja, ele? Quando entrei em seu quarto ontem à noite, à uma e meia da madrugada para ser exato, não estava lá — comentou Eliot com voz fria.

— Por que foi ao meu quarto?

— Onde estava, Reba?

As boas intenções a abandonaram.

— Basta saber que estava com Hunter, ou quer que dê conta exata de todos os detalhes? — respondeu em tom igualmente frio.

Eliot não tinha direito a julgá-la, já não estavam noivos.

As bochechas dele se acenderam.

— Meu Deus, inclusive presume isso! — exclamou com desdém.

Reba se indignou.

— Isso não é problema seu... Dadas as circunstâncias.

— estive me enganando com ele todo este tempo?

— Fui completamente fiel a você enquanto estávamos noivos; mas como já não estamos não me envergonha admitir que conheci o Hunter antes de aceitar me casar com você. Não sabia que era seu primo e, é obvio, não esperava voltar a vê-lo.

— O que quer dizer é que, se soubesse que Hunter tinha dinheiro, jamais teria aceitado minha proposta de casamento — disse Eliot em tom acusador —. Sabe meu primo que só o quer por seu dinheiro?

Reba conseguiu conter as lágrimas.

— Sim. Mas, de qualquer modo, vou com ele.

Por favor, se despeça de sua mãe por mim.

E depois dessas palavras, Reba deu o passo definitivo para um futuro incerto.

Quando Hunter disse que ia arrumar a questão do transporte, Reba não tinha imaginado que sairia da ilha em helicóptero para depois entrar em um avião particular, um Lear jato. De novo, sentiu os olhos dele sobre ela. Tinha estado observando-a durante todo o trajeto em helicóptero, e começava a pô-la nervosa.

— Impressionante — comentou para iniciar uma conversa.

— Acha que poderá se acostumar a este estilo de vida? — perguntou Hunter com cinismo.

Reba não pôde pronunciar palavra.

Afastou os olhos dele e olhou pela janela do avião, perguntando-se quanto tempo duraria o vôo. Mas tinha deixado o relógio de brilhantes na casa do Eliot e, automaticamente, esfregou o punho.

— perdeu o relógio? Enfim, terei que comprar outro.

O comentário a fez virar a cabeça.

— Não! Tenho um relógio maravilhoso na mala. Hunter arqueou as sobrancelhas.

— Gosta de ganhar presente.

— E eu não preciso disso! — mas se deu conta

de que o comentário não se enquadrava em como ele acredita sua forma de ser — . Quero dizer que...

— O que quer dizer, olhos de tigre?

— Nada. Deixe-me em paz, Hunter, estou cansada.

— Não tem importância. Enfim, vou me trocar. Fique a vontade. Se necessitar de algo, chame a Beth.

Reba o viu desaparecer ao cruzar uma porta e, sentindo-se destroçada, recostou a cabeça no respaldo do assento. Aquilo era pior do que tinha imaginado. Hunter estava se comportando de forma muito estranha, e ela...

— Gostaria de beber algo? — perguntou Beth, a aeromoça.

Reba estava a ponto de pedir um conhaque quando o viu entrar.

— O que gosta Reba? — Perguntou; mas, não obteve resposta — . Beth, por favor, nos traga dois conhaques.

Quando Beth partiu, Hunter se sentou em frente a ela, cruzou as pernas e ficou olhando com expressão zombadora.

— Bom você gosta mais meu aspecto agora? — perguntou enquanto pegava as duas taças que Beth oferecia.

Reba tomou uma das taças e notou os anéis de ouro e o Rolex que rodeava o punho dele.

— Está... Diferente.

Parecia um estranho. Bonito, mas não o homem que conhecia. Era como se aquelas roupas caras tivessem levantado uma barreira entre os dois.

— Que aspecto quer que tenha o proprietário de Backbay Marine, olhos de tigre? — perguntou ele com expressão de humor nos olhos ao tempo em que levava a taça de conhaque aos lábios.

— por quê?

Aqueles olhos azuis não a abandonaram.

— Acreditei que você gostaria de saber que realmente posso me permitir o luxo de comprar. Enfim, me diga o que prefere um Porsche ou um casaco de visom? Também poderia comprar um apartamento, mas teria que ser em um lugar conveniente para mim. Eu não gostaria de ter que viajar cada vez que quisesse estar com você. Outra coisa terá que me dizer que desenhistas de moda são os que você gosta. Esqueci algo?

Reba se perguntou se haveria um limite para o dano que se causavam um ao outro. Hunter estava acabando com a pouca dignidade que tinha.

— Fique quieto, maldição!

— Sim. Mas antes... Esqueci isto.

Hunter meteu a mão no bolso da calça e tirou um talonário de cheques e uma caneta. Depois, começou a preenchê-lo.

— É uma soma de dinheiro bastante estranha. Na realidade, parece uma quantidade exata. Quer fazer algum comentário a respeito?

-Não.

— foi o primeiro valor que veio à sua cabeça?

-Sim.

Por fim, Hunter arrancou o cheque e o deu.

— Muito interessante — disse Hunter ficando em pé—. Enfim, aproveite o resto da viagem. Aterrissaremos dentro de uma hora.

Hunter deu meia volta e foi à cabine. Reba, já sozinha, não tentou conter as lágrimas.

Capítulo 10

Na sexta-feira seguinte, Reba recebeu uma inesperada chamada telefônica. Separou-se dele no aeroporto no início da semana e, depois, não tinha tido notícias dele. Hunter havia dito que ligaria, mas não tinha ligado e ela não sabia o que pensar. Por muito que desagradasse a situação, estava decidida a cumprir com sua parte do trato, e não suportava a espera. Por isso, quando o telefone tocou naquela manhã, Reba esperava ouvir a voz dele; no entanto, foi um empregado do banco.

—O cheque que depositou recentemente no banco foi cancelado. Não podemos pagar esse dinheiro em sua conta. A soma de dinheiro é considerável e acreditamos nosso dever dizer para que você tome as medidas oportunas.

A Reba sentiu o sangue gelar.

—Obrigado — respondeu automaticamente.

Quando desligou, a surpresa se transformou em ira.

Hunter tinha cancelado o cheque! Não podia acreditar, mas sabia que era verdade. Por quê? Por quê? Por quê? Depois de todas as humilhações que tinha tido que suportar agora fazia isso! Tinha que

vingar-se.

Em informação da companhia telefônica lhe deram o número de Backbay Marine e o discou.

— Quero falar com o senhor Hunter Jamieson — disse em tom imperioso logo que uma voz feminina respondeu a chamada.

— Lamento, mas o senhor Jamieson não está aqui hoje.

— Sabe onde está? Preciso me pôr em contato com ele.

— Lamento, mas não posso dizer quer me dar seu nome para que diga que retorne?

Reba se deu conta de que, com toda educação, estavam-se liberando dela.

— Escute, trata-se de uma questão de vida ou morte. Tenho que entrar em contato com ele imediatamente! — declarou Reba sabendo que não era mentira.

A voz da outra mulher titubeou.

— Bom, se é uma emergência...

— Sim, é obvio que é uma emergência. Do contrário, não ligaria.

— Tenho um endereço, mas não tenho o número de telefone. Se puder esperar um momento, tentarei conseguir o telefone...

— Não, me dê o endereço, isso me basta.

Depois de anotar o endereço, agradeceu a mulher e desligou. Hunter Jamieson ia ver quem era ela.

Era o endereço de uma empresa de publicidade. Reba tomou o elevador até o décimo quinto andar às dez e meia da manhã. Alegrou-se de ter se maquiado e vestido com uma calça clara e uma blusa de seda azul marinho, já que tanto a roupa da secretária como seu sorriso eram imaculados.

— Você é Reba Wyeth, reconheci-a imediatamente. Mas... Não tem uma entrevista hoje conosco, certo?

— Não, não tenho. Vim ver o Sr. Hunter Jamieson. Disseram-me que está aqui — explicou Reba em tom tenso.

A recepcionista parecia confusa.

— Sim, claro, está aqui. Está na sala de reuniões — disse mostrando um corredor atapetado.

Reba não necessitou mais indicações, embora os gritos da recepcionista pedindo que voltasse a seguiram.

Não se incomodou em bater na porta, e estava a ponto de entrar quando um jovem sorridente abriu, quase tropeçando nela.

— Obrigado — disse Reba entrando na sala.

— Deseja algo? — perguntou o jovem enquanto tentava detê-la.

Reba não se incomodou em voltar a cabeça.

— Não. Estou procurando...

— A mim — disse Hunter que, nesse momento, apareceu junto à porta —. Não se preocupe Sandy, eu me encarregarei da senhorita Wyeth.

— De acordo, Hunter. Se necessitar de algo, já sabe onde estou — disse Sandy antes de afastar-se.

Hunter fechou a porta da sala, girou a chave e a guardou no bolso. Olhava para ela perfeitamente relaxado.

— A que devo o prazer desta visita? — perguntou em tom ligeiro.

— Não brinque comigo! Sabe perfeitamente por que estou aqui! Maldito seja Hunter, mataria você pelo que me fez! — gritou ela furiosa.

Ele sorriu fracamente enquanto examinava a ponta dos sapatos.

— Ah, ficou sabendo sobre o cheque, não é isso? O fato de que não negasse, surpreendeu-a.

— Me ligaram esta manhã. Você me odeia tanto para me fazer uma coisa assim? — perguntou ela elevando a voz, doída e furiosa.

Hunter cruzou os braços e a olhou atentamente.

— Se a odiasse, teria deixado que descontasse o

cheque.

Reba piscou, não compreendia as palavras dele.

— O que quer dizer?

— Quero dizer que está armando muito confusão por um cheque que recebeu por... Seus serviços — respondeu Hunter, provocando o imediato rubor das bochechas dela.

— E você também armaria confusão se precisasse desse dinheiro! — afirmou antes de dar-se conta do que acabava de dizer — . Abre a porta e me deixe sair!

Hunter negou com a cabeça.

— Para que precisa desse dinheiro, Reba?

— Não é problema seu — respondeu ela elevando o queixo — . Deixe-me sair!

— Não, até que me diga para o que precisa.

Ela cruzou os braços com gesto desafiante, negou-se a olhá-lo quando respondeu.

— Menti para você.

— Então, não está interessada em uma proposta que quero lhe fazer?

— Outra? Meu Deus, alguma vez se dará por vencido?

— Ainda não sabe qual é a proposta.

— E não quero saber — respondeu de mau humor.

De repente, sobressaltou-se ao vê-lo seu lado, tomando-a pelos ombros.

— Pois vai ouvir.

Reba arqueou as sobrancelhas com gesto zombador.

— Sêrio? De qualquer modo, a resposta é não, assim... Se eu fosse você não me incomodaria.

Hunter respirou profundamente e deu um olhar de advertência.

— Sabe de uma coisa? Eu adoraria te dar umas boas palmadas!

— Se por um dedo em mim, denuncio você!

Hunter sorriu antes de pôr um dedo no peito dela e a empurrar.

— Fique quieta e sente-se, Reba. Jamais deveria recusar uma proposta antes de saber o que é que oferece.

— Está bem, escuto — respondeu afastando o dedo com um tapa; depois, sentou-se.

Hunter se sentou em um canto da mesa. Depois, tirou duas folhas de papel do bolso interior da jaqueta.

— Tenho aqui um cheque de um milhão de dólares e uma licença de casamento. O dinheiro é seu... Se casar comigo.

Equivocadamente, Reba acreditava que já nada

poderia surpreendê-la, mas não foi assim.

-O que?

Ele esboçou um fraco sorriso, mas seus olhos permaneceram ilegíveis.

— Já me ouviu. Estou disposto a dar tudo o que seu coração deseja. Diga-me que se casa comigo e chamarei o banco para que abram uma conta a seu nome com este dinheiro.

Um milhão de dólares? Podia ser o sonho de qualquer pessoa; entretanto, não o dela. Essa oferta demonstrava o que Hunter pensava dela. Reba não queria seu dinheiro, a não ser seu amor. Embora necessitasse de dinheiro desesperadamente, não podia aceitar porque queria Hunter muito. Se aceitasse, ele pensaria sempre que ela queria apenas seu dinheiro, jamais acreditaria que estava apaixonada por ele. E quando a paixão terminasse...

Com pernas tremulas, Reba ficou em pé e estendeu uma mão.

— Não quero um milhão de dólares nem quero me casar com você. Quero apenas que cumpra com sua parte do trato. Vai me dar o dinheiro?

O rosto dele se tornou de novo ilegível. Depois, colocou a mão em um bolso, tirou a chave e se levantou.

— Não, não vou dar. Respondeu isso com voz

tranqüila.

— Nesse caso, maldito seja, Hunter! Rapidamente, foi pegar a chave. Mas, por desgraça, ele foi mais rápido.

— Não vai a nenhuma parte sem mim, olhos de tigre.

E, agarrando ela pelo braço, levou-a até a porta.

— Me solte! — gritou Reba ao tempo que Hunter abria a porta.

— Nunca! — respondeu Hunter levando-a até o elevador.

Quando chamou o elevador, ela o olhou furiosa.

— Não quero voltar a ver você em minha vida! Ouviu? Nunca!

O elevador chegou e ele a empurrou para que entrasse.

— Pois sinto muito, porque você fica comigo. Ao menos, durante as próximas duas horas. Depois, veremos se mudar de idéia.

Na garagem, Hunter a conduziu até uma limusine. O chofer abriu a porta e ela não teve que entrar, seguida por ele.

— Odeio você! — disse de um extremo do assento.

Hunter cruzou as pernas e deu a ela um olhar

zombador.

— Eu também odeio você.

A indiferença dele a confundiu ainda mais.

— Onde está me levando?

— Para dar um passeio pelo campo.

— Eu não gosto de passear com pessoas de duas caras como você.

— E eu não gosto de convidar mentirosos, olhos de tigre.

— Eu não sou uma mentirosa!

— Certamente, não muito boa — espetou.

— Tínhamos um trato! — recordou com voz espessa.

— Tínhamos muito mais que isso! — disse Hunter significativamente.

— Não sei do que está falando.

— Escolher não saber do que estou falando não vai salvar você. Tem que pagar toda uma conta, assim será melhor que comece a pensar como vai fazer isso.

Hunter estava falando com adivinhações, e Reba não sabia como descobrir seu significado. Em um intento por ignorá-lo, olhou pela janela, notando a paisagem.

Foi uma hora mais tarde quando viu o edifício ao que se dirigiam. Reba se levantou no assento com

expressão de assombro.

— Aqui é o hospital Chamberlain! — exclamou com voz débil —. Por que estamos aqui?

— Devemos fazer uma visita — informou secamente —. Vai por bem ou quer que peça uma camisa de força?

Reba estava muito surpresa para brigar com ele.

— Irei por bem — respondeu automaticamente.

Por que estavam nesse hospital? O mesmo hospital em que sua mãe estaria nesse momento se Hunter tivesse cumprido sua parte do trato. Era uma mera coincidência Ou...?

Decidiu o seguir docilmente pelos assépticos corredores do hospital.

— Viemos para visitar alguém de sua família? — perguntou quando estavam no piso superior.

Hunter a conduziu por um último corredor; ali, parou diante de uma porta.

— Espero que seja — respondeu enquanto abria a porta; depois, cedeu o passo a Reba —. Você primeiro.

Reba olhou com perplexidade à mulher que ocupava a cama do quarto.

— Mamãe!

Harriet Wyeth levantou a cabeça da revista que

estava lendo e abriu os braços sorrindo para sua filha. Ela se jogou imediatamente sobre sua mãe.

— Reba! Não a esperava até mais tarde. Depois de certificar-se de que sua mãe era real e não um produto de sua imaginação, Reba se levantou e secou as lágrimas que não tinha conseguido conter.

— Não posso acreditar! O que está fazendo aqui? Como veio? Onde está Maggie?

Sua mãe riu.

— Não seja tola, sabe perfeitamente o que estou fazendo aqui. Quanto a como, Hunter arrumou tudo. Faz dois dias ele mesmo foi me buscar e me trouxe em seu avião. Acompanhado por sua prima Lucy, que ficou com Maggie e Christopher até que acabe a operação. Reba não entendia nada.

— Com Hunter arrumou tudo? Mamãe, não compreendo...

Harriet deu umas palmadas na mão de sua filha.

— Claro que não, era uma surpresa. Hunter me contou que pediu que ele se ocupasse da questão financeira; mas, como sabia o que tinha trabalhado para ganhar o dinheiro da operação, quis ele mesmo ir para me buscar para fazer uma surpresa a você e evitar maiores preocupações. Afinal, já é quase da família.

Reba se perguntou se não teria ficado louca sem dar-se conta.

— Parte da família? — repetiu ela enquanto apenas podia pensar era que Hunter sabia de tudo.

E se sua mãe estava ali, só podia significar uma coisa, que o dinheiro já tinha sido pago. O que significava que tinha pagado antes que ela fosse vê-lo nesse dia. Em cujo caso, a que vinha a briga que tinham tido na sala de reuniões?

— Bom, se vai casar com ele, isso é o que o transforma em mais um membro da família — respondeu Harriet Wyath —. Estou muito contente, filha. Hunter é um encanto. Falou de como você estava preocupada e me disse que queria apenas livrá-la de maiores preocupações. Como compreenderá, não ia discutir isso. Ele a ama muito.

Reba avermelhou e, imediatamente, empalideceu.

— Então Hunter disse que vamos nos casar?

Harriet pôs-se a rir.

— Querida, tinha que se apresentar. Como eu iria acreditar nele? Contou-me que é primo de Eliot e que você rompeu com o Eliot porque se apaixonaram assim que se conheceram. Que romântico!

Reba não sabia o que pensar.

— Hunter disse tudo isso e você acreditou?

O sorriso de sua mãe se desvaneceu lentamente.

— Não fiz bem? É que não é verdade? Não o ama?

Reba só pôde responder com a verdade.

— Sim, claro que sim, claro que o amo, mamãe

— admitiu, embora não pudesse confirmar o casamento.

A senhora Wyeth não considerou que fosse necessário.

— Bom, nesse caso, está tudo bem. Maggie está desejando ser sua dama de honra.

Reba não sabia o que pensar. Ou Hunter estava construindo uma mentira horrível, ou tudo era verdade. Não podia acreditar no primeiro e, entretanto, em relação ao segundo... Parecia um milagre que estivesse apaixonado por ela.

E como desejava acreditar nisso! Entretanto, nada parecia ter sentido.

Por fim, acabou a visita depois de prometer a sua mãe que voltaria logo.

Quando saiu do quarto, não encontrou Hunter no corredor. Tampouco o encontrou no vestíbulo do hospital e, quando foi à limusine, Hunter não estava ali. Foi o chofer quem a orientou. —O senhor

Jamieson partiu, senhorita. — Como partiu?

— Sim, senhorita. Foi de helicóptero, mas deixou uma mensagem para você.

Reba sentiu um aperto no coração.

— Está bem, que mensagem?

— Pediu-me que dissesse que se quisesse vê-lo, já sabia onde encontrá-lo. Se não, pediu-me que a levasse de volta à cidade.

O coração da Reba começou a galopar. Encontrá-lo, onde? Ela não sabia onde vivia, exceto... A ilha. Não, não podia ser a ilha, estava muito longe. O... O iate. O iate? Era isso, o iate!

Reba se voltou para chofer.

— Sabe onde está Backbay Marine?

— A empresa? Está na costa, senhorita.

Tinha acertado! Reba abriu a porta do carro e se dispôs a entrar.

— Me leve lá, por favor.

— Sim, senhorita... Mas levará um pouco de tempo. Reba sorriu.

— Não me importa quanto tempo demoremos desde que chegarmos ali.

Fez que o chofer a deixasse fora do escritório do estaleiro. O lugar estava deserto, os empregados já tinham partido; no entanto, ouviu o som rítmico de umas marteladas. Seguiu o ruído e, ao dobrar

um canto do edifício, viu Hunter subido em uma escada cravejando o telhado de um novo abrigo. Tinha trocado de roupa e, com esse shorts jeans, era o homem que tão bem conhecia.

Acreditou que não a tinha ouvido chegar, mas Hunter deixou de martelar e a olhou.

— por que demorou tanto?

Reba deixou a bolsa no chão e levou as mãos aos quadris.

— Porque não tenho um helicóptero na bolsa!

— Nesse caso, ou economiza para comprar um ou se case com um homem que tenha um helicóptero — declarou Hunter enquanto descia da escada até ficar diante dela.

— Segundo minha mãe, isso é o que vou fazer... A menos que você tenha mentido a ela.

— Jamais mentiria para sua mãe — murmurou sem tirar os olhos dela.

Reba sentiu um comichão de desejo no estômago.

— Não ocorreu a você, me dizer isso primeiro?

— Não. Não se engane olhos de tigre, vai se casar comigo. Gostaria de uma cerveja?

Reba assentiu e subiu as escadas da varanda do abrigo enquanto ele desaparecia em seu interior. Hunter retornou com duas garrafas. Deu uma a ela,

apoiou-se no corrimão da varanda e bebeu um terço da garrafa de um gole. Reba ficou contemplando os movimentos da garganta dele e se esqueceu de respirar.

— Bom você me encontrou. Foi difícil?

— Não, quando parei para pensar. Por que partiu do hospital? Devia saber que iria querer falar com você.

Hunter deu uma gargalhada. — Porque sou o suficientemente humano para querer que viesse me buscar. E aqui está.

— Sim, aqui estou — disse suavemente. Hunter bebeu mais cerveja.

— Como está sua mãe?

— Está bem. Está... Hunter, isto é ridículo! — Por que não me disse o que tinha feito em vez de fazer aquele teatro na sala de reuniões?

— Pretendia fazer isso na sala de reuniões, quando, sem querer, você me disse que precisava do dinheiro.

— Mas... Mas você já sabia. Hunter apertou a mandíbula.

— Por mais que custe acreditar, olhos de tigre, tinha necessidade de que confiasse o suficientemente em mim para me dizer isso você mesma — respondeu tenso.

— Não compreende. Não podia fazer isso, era o segredo de minha mãe. Claro que confio em você, Hunter, sempre confiei. - Hunter deu um suspiro.

— Tem uma forma maravilhosa de demonstrar isso! Reba conteve as lágrimas.

— Minha mãe é uma mulher muito orgulhosa. Eu não podia contar a ninguém a menos que ela me desse permissão. Sinto muito, não tinha alternativa. O olhar dele se adoçou.

— Não, não tinha alternativa. O que me enfureceu foi acreditar que sim, que tinha, e o que me fez voltar para você foi descobrir que não era assim.

— Não compreendo — disse, olhando-o confusa.

Hunter deixou a garrafa de cerveja e se aproximou dela. Depois, tomou o rosto.

— Disse a Eliot que não tinha mais remédio que aceitar se casar, com ele. Foi então quando deixei de estar zangado e comecei a pensar na situação. Por que não tinha alternativa? Perguntei-me. Porque acreditava que Eliot tinha o que eu não tinha: dinheiro. Entretanto, até o último dia que passamos juntos no barco, o dinheiro não era importante para você. Conheci muitas mulheres que queriam de mim apenas meu dinheiro, e aprendi a diferenciar.

Quando se confessou uma caçadora de fortunas, conseguiu me confundir, embora não pudesse acreditar ter me enganado tanto com você.

Hunter se interrompeu uns segundos antes de continuar.

— Então, ouvi você falando com Eliot e comecei a me perguntar se não seria tudo uma farsa. Deu-me a impressão de que não era que quisesse o dinheiro, mas sim que precisava dele. Recordei algumas coisas que havia dito, como que sua mãe estava doente. Custou-me um montão de ligações telefônicas e vários dias de inferno me inteirar do que acontecia. Agora já sei.

Reba pôs as mãos em cima das suas.

— E o que é que sabe?

Acariciou-lhe brevemente os lábios com os seus.

— O primeiro, que a amo e sempre amarei. O segundo, que se alguma vez tivesse que fazer algo que a fizesse sofrer, faria o possível para que me odiasse para te economizar sofrimento.

Sim, Hunter sabia tudo. Os olhos dela se encheram de lágrimas.

— Por favor, acredite, não queria fazer isso, mas... Não vi outra saída.

Hunter apoiou a testa na dela.

— Deveria ter me dito isso dito, Reba.

— Queria fazer isso, mas... Não sabe como queria contar, mas como ia fazer isso quando acreditava que não podia me ajudar? Tudo aconteceu de repente. Mamãe ficou pior... Tinha que ser agora ou nunca. Não podia deixar que morresse, assim tive que renunciar a você — respondeu com desespero.

— Não chore olhos de tigre, rompe-me o coração ver você chorar. Não ajudei muito, não é verdade? Deveria ter dito quem era desde o começo; se tivesse feito isso, este pesadelo não teria acontecido. Foi culpa de minha obsessão de que não me queiram pelo que sou, mas sim por meu dinheiro.

Depois de tantos equívocos, Reba não podia permitir que culpasse a si mesmo.

— Nós dois nos equivocamos, mas já passou... Graças a você — sussurrou.

— Sua mãe vai ter sua operação, e você e eu vamos ter um ao outro. Isso é o único que importa.

— Obrigado por não dizer de onde saiu o dinheiro. Preocupava-me que, de que se soubesse se negasse a aceitar.

Hunter deu uma gargalhada.

— Sim, já tinha percebido. De tal pau tal lasca.

Sua mãe estaria orgulhosa de você se soubesse o que tem feito.

—Não sei. Eu não me sinto orgulhosa de muitas das coisas que tenho feito. Mas amo você, Hunter. E não por seu dinheiro, amo porque... Não posso evitar. Para mim, é só você. Só você.

Hunter a beijou, aceitando o amor dela dando em troca o seu durante o resto de suas vidas.

FIM